



SEXTA-FEIRA

13

parte 1





Sexta-Feira 13

Parte 1

Organizado por
Fernando Lima

ISBN: 9781005262495
Elemental Editoração © 2020

Ficha do Livro

Título original: Sexta-feira 13 — Parte 1

Organização: Fernando Lima

Vários Autores

Imagem da Capa: Adobe Stock

Capa: Fernando Lima

ISBN: 9781005262495

Revisão: Verônica Sparr

Diagramação e editoração: Elemental Editoração

Horror, Sobrenatural, Terror, Contos, Coletânea

Seloee.weebly.com

Índice

[FLASHES DE UMA PSICOSE](#)

[LADY](#)

[O OUTRO EM NÓS](#)

[SHOW BIZARRO](#)

[QUEM TEM MEDO DE PALHAÇO](#)

[ANHANGÁ](#)

[O INSÓLITO](#)

[O NOVO APARTAMENTO](#)

[O GANCHO](#)

[A AUTÓPSIA](#)

[A MOÇA DO 13º ANDAR](#)

[NAS ASAS DE UM CORVO](#)

[PROGRAMA NOTURNO](#)

[AS DUAS IRMÃS](#)

Flashes de uma Psicose

Donnefar Skedar

Tudo começou quando aluguei aquele maldito apartamento na Av. Paulista. Todos sabem que aquela é uma espécie de estrada para o inferno. Tanta depravação e santidade juntas em uma só cidade é sinal de que Deus já se esqueceu de quem ali habita, e lá estava eu, esquecida por Deus e por todos.

A ideia de arrendar um apartamento veio da minha tia Fátima, que depois da minha triste ilusão amorosa se recusava a me permitir voltar para a sociedade da qual fazíamos parte. Sou sangue puro da família Becker, a real família Becker, não a da famosa Cacilda Becker.

Nossa família tem origem Búlgara, estando no Brasil há pouco menos de um século. Na maior parte do tempo, camuflados por entre nomes mais populares. Reza a lenda que nossos primeiros ancestrais eram criminosos ou algo do tipo, fazendo o nome Becker ser mal visto durante algum tempo. Talvez continue sendo um sinônimo de criminosos, pois, o dinheiro da família não tem um início especificado em nossos históricos. O que particularmente não me faz diferenças, desde que minha cota de sangue azul não chegue em seus limites.

Após o rompimento com Amaury Augusto, filho de um desembargador espanhol, não daria minha cara para as minhas amigas do clube frequentado por todas mulheres da família. A fofoca só é coisa feia nas classes baixas, onde não tem um porque, ou do que se falar. Já na nossa classe, fofoca rende revista, semanal e até mensal — se contar os eventos. A coluna Amaury Augusto e Eu, se encerrara no mesmo dia em que soube da traição cometida com a filha de um dos empregados de seus pais. Um absurdo cometer tamanha sem-vergonhice! Por que não pegou uma de minhas amigas ou alguma famosa? Foi me trair justo com a filha de uma empregada?!

O fim do relacionamento abalou não apenas o aumento da minha pequena fortuna, mas de algum modo, me deixou visualmente feia. Eu era linda e perfeita, os deuses me tocaram com as mãos das deusas e, por isso, eu esbanjava beleza. Com o fim do noivado, me senti enrugada. Uma mulher de vinte e seis anos, enrugada, é o fim na linha da vida. A minha estava acabando.

Quando escolhi o apartamento na Av. Paulista foi na intenção de nos momentos de crise ter tudo ao meu redor. De “shopping” a bares, boates e clubes, tudo em um só lugar e, claro, longe da minha própria turma.

O apartamento era velho, um dos primeiros prédios construídos na Avenida, foi o que me disseram. O trabalho que fizeram no apartamento é de deixar cair o queixo de qualquer “designer” nacional. Tudo de última geração, com obras de artes originais e os melhores móveis, tudo perfeito por uma quantia em dólares que me fazia se sentir muito bem, obrigada! Mas o destaque de todo o lugar, ficava em um cômodo junto ao meu quarto. Parecia um closet, mas este ficava em frente ao meu toalete. O cômodo em questão ficava depois do closet, do toalete e sua passagem, só dava acesso pelo meu quarto, em uma porta quase escondida, não fosse por uma nota indicando como abrir.

O espaço não parecia útil para nada, talvez fosse um depósito ou qualquer coisa do tipo, mas tinha um detalhe que me tocou logo que o vi. Todas as quatro paredes eram espelhadas. Do chão ao teto e no teto havia uma tinta em tom morango que me excitou.

Inicialmente me questionei sobre paredes falsas e câmeras escondidas, mas o corretor fez questão de liberar a planta do lugar e inspecionar tudo junto com a equipe de segurança do meu seguro de vida. Simplesmente uma caixa de vidro dentro do meu novo lar.

Um ambiente sedutor e, ao mesmo tempo, acolhedor, pois, quando a noite caía, eu me sentia solitária e meus drinks não estavam mais me saciando mentalmente, até entrar naquele quarto, depois de sair do banho e me ver ali pela primeira vez.

Foi um momento mágico olhar para mim da cabeça aos pés, de frente e de costas. Me senti a pessoa mais linda do mundo. Me admirei por longos minutos, talvez horas, pois meus pés doeram quando me deitei naquela noite.

Depois da primeira experiência, outras vieram, até a noite em que fazia um mês desde o meu rompimento com o mundo. Na solidão, acabei bebendo mais do que conseguia e parei diante de mim mesma naquele quarto selado para meus *eus*.

Olhei a figura que me encarava sem fazer nenhum julgamento com o seu olhar. Admirei ser admirada sem precisar dizer nada. Me encantei ao sentir meu toque sobre uma face séria e, ao mesmo tempo, linda. Me abri completamente ao dizer em silêncio tudo o que odiava no mundo.

Depois daquela noite, fiz questão de não levantar da cama para nada. Não recebia ninguém em casa, comia quando tinha vontade por serviços de *delivery*, respondia apenas as mensagens, nunca as ligações. Estava sozinha quando ficava nos outros cômodos, e bem acompanhada quando estava naquele quarto.

Dias mais tarde, saí do banho com a intenção de vadiar pela noite, era uma sexta-feira quente e já tinha acabado com o meu estoque de bebidas alcoólicas, então busquei pelo bar mais caro e badalado da avenida.

Assim que saí do longo banho, algo no quarto me chamou a atenção, meu reflexo na parede me fez caminhar até lá, fechando a porta atrás de mim. Fazendo o som dos tubos de ventilação serem ativados, como sempre faziam com minha presença, e me despi da toalha, ficando nua diante de mim mesma.

Minha imagem me seduziu. Meu corpo me excita, meu rosto estava lindo — como sempre.

Meus olhos ardiam em paixão. Paixão que Amaury Augusto não teria notado. Estava pronta para a imagem que me olhava de uma forma tão doce, que me fez querer beijá-la, e assim o fiz.

Beije, toquei seus seios volumosos e duros, passei as minhas mãos por aquela cintura definida, olhei com desejo aquele traseiro empinado e até babei quando toquei em seus cabelos.

O auge se deu quando ainda em meio aos beijos, toquei seu sexo sentindo o calor e o molhado por entre as pontas dos meus dedos. Seus gemidos eram a música que eu gostaria de compor, e seu corpo uma escultura que eu jamais poderia esculpir. Tudo foi longo, profundo e perfeito. No fim, estava exausta demais para sair e apenas me joguei, ainda nua e suada, na minha cama, onde dormi um sono sem sonhos.

No dia seguinte, eu evitei olhar para o cômodo espelhado. Ele me chamava, eu o desejava, mas a minha mente estava confusa, precisava dar um tempo daquela sensação de paixão repentina. O motivo de me isolar era justamente por causa de uma paixão. Não curaria uma paixão com outra, já conhecia esse filme e dele não queria replay.

Tomei um banho rápido para não pensar na sensação forte da noite anterior e sem sequer pensar em olhar para aquele cômodo, saí de casa, batendo a porta como se tivesse visto a cena de Amaury com a empregada. Caminhei sem destino pela tão falada avenida. Um lugar exótico em questão de pessoas.

Não sabia andar a pé direito, ainda mais em uma avenida como aquela, mas logo que passei por um prédio, tudo deixou de ter importância para mim. Um prédio completamente espelhado me fez sentir saudades de casa. Não da casa de minha mãe, mas sim, do meu apartamento, mais precisamente do meu quarto espelhado.

Senti algo forte em meu coração, minhas mãos suaram e minhas pernas ameaçaram fraquejar ali mesmo, entendi o recado, estava pensando na noite anterior e, ali mesmo na calçada, estava tendo um orgasmo.

Assustador, pensei na hora, vergonhoso e impróprio, mas durante o percurso para meu apartamento, me senti feliz por ter conseguido algo que muitas pessoas passariam a vida tentando e morreriam sem conseguir.

O elevador do prédio demorou uma eternidade para surgir, minhas pernas estavam molhadas e eu precisava de um banho para aliviar aquela vontade estranha que sentia entre as pernas.

Quando fechei a porta atrás de mim, fui retirando toda a minha roupa, andando em direção ao banheiro, mas antes de alcançar a porta, já completamente nua, eu olhei para o quarto que me fisgou tão delicadamente e nem pensei em resistir.

Logo estava amando aquela perfeição à minha frente, trocamos olhares, risos, beijos, dedos e tudo mais. Suspirávamos em nossos ouvidos, nos amávamos como da primeira vez e gozamos como se nunca tivéssemos feito.

Me isolei completamente do resto. A começo, pedia comida de todos os tipos para acompanhar nossas noites amorosas, depois a sede por amor foi ficando incontrolável, então, estava morando apenas naquele cômodo, ignorando tudo mais.

Mas certo dia algo mudou, não o desejo, não o sexo, foi algo bobo, mas que mudou todo o nosso mundo.

Era nosso aniversário de dois meses, como sempre, quis agir como uma mulher normal, então acordei mais cedo e saí do quarto sem deixar que a luz automática fosse acesa, era só pular um ponto do laser colocado próximo ao chão. Entrei no meu closet e escolhi o melhor vestido, pela primeira vez senti um som diferente em meu corpo, era um sinal de fome, o que só acontecia quando estava realmente feliz.

Pedi a encomenda de um café especial, que chegaria em quarenta minutos, como informado pelo atendente, o tempo necessário para meu banho e arrumação. Durante o banho relaxei completamente, estava feliz, linda e poderosa como sempre quis e, no íntimo feminino, estava realizada sexualmente.

Tudo aconteceu nos conformes, terminei o meu banho, coloquei meu vestido, me maquiei e caprichei no perfume leve e sedutor, além do batom vermelho que realçava os meus lábios. O café foi entregue, tudo o que eu precisava era empurrar a mesa até o quarto espelhado e comemorar nosso aniversário.

Após tomarmos um bom café reforçado, já pensando que o resto do dia seria de amor, as coisas ficaram diferentes.

Primeiro o olhar curioso indicando o motivo de tanta arrumação, claro que a verdade foi dita, era dois meses de muito amor, então precisava estar bem-arrumada. Depois foi o perfume, nunca havia usado, porque o usei naquele dia?

E quando chegou ao batom, apenas encarei aqueles lindos olhos, e pedi que se calasse me beijando. Nos beijamos, mas isso foi um erro.

Meu corpo foi empurrado e o olhar inquieto me questionava do porquê daquele beijo diferente. Busquei explicação no café ou até mesmo no batom pouco

usado, mas tudo pareceu desculpa para esconder alguma coisa.

Discutir não era meu forte, fiquei em silêncio, ouvindo tudo como eu tivesse cometido uma traição. Com raiva, tirei o vestido na tentativa de seduzir com o meu corpo, também já estava com sede de amor e não aguentava mais ficar sem ser tocada.

Nada adiantava, seu olhar estava me incomodando, e sua paralisia me deixou inquieta, o silêncio pairou sobre todo o lugar, apenas as nossas respirações e corações serviam de canção.

Coloquei meus dedos no meu sexo e acariciei meu seio, enquanto olhava sedutora para aquela imagem tão resistente, tão chamativa, tão peculiar, tão “sexy”.

Meus gemidos vieram sem que me desse conta, e descobri que não eram meus dedos no meu sexo, o que me fez gozar de um modo diferenciado e que agradou àquela imagem sexualmente faminta.

Mal terminei de gozar e os dedos continuaram, na tentativa de me manterem em prazer, eu não me importava, queria morrer daquele jeito. Queria morrer sentindo aquele prazer sem limites.

Tudo o que busquei em minha vida estava ali, tudo o que esperei e sonhei tinha alcançado, estava gozando sobre o que eu realmente era.

Estava enlouquecendo de felicidade e nada poderia estragar o nosso relacionamento, nada além do maldito bilhete esquecido no único e camuflado bolso daquele vestido!

Ninguém lembraria de um bilhete enfiado em um bolso projetado de um vestido de gala. Era um bilhete bem antigo de Amaury Augusto, dado semanas antes de assumirmos compromisso. Eu nunca li seu conteúdo, justamente por ter esquecido no vestido, que jurava ter sido lavado no dia seguinte ao baile do clube.

Vi a revelação em sua face ao notar aquele papel branco saindo do tecido. Lembrei que era o tal bilhete, pois, Amaury sempre fazia questão de lembrar de como estávamos vestidos naquele dia, e eu me questionava sobre por que fizeram aquele bolso descoberto por ele para me entregar o bilhete.

Como já tinha gozado mais de duas vezes, apenas deixei o meu corpo relaxar, enquanto o bilhete era retirado do vestido e lido em voz alta fazendo-me ouvir Amaury dizer:

“Me encontre hoje à noite, às 23h30, na casa de Dona Fátima. Com desejo, Amaury Augusto”.

O bilhete foi jogado aos meus pés e ao olhar em seus olhos, na tentativa de dizer que era um bilhete muito antigo, só pude senti o tapa em minha face.

Lágrimas me vieram, não sei se pela dor ou pela situação.

Me levantei disposta a explicar tudo, mas fui empurrada para onde estava, gritei seu nome e pedi para me ouvir, mas eu é que ouvi, tantos nomes, tantas

comparações, tantas insinuações sobre a minha aparência pela manhã.

Dizem que o amor tem dois lados, tal como uma pessoa tem duas faces, naquele momento, eu estava vendo o lado ciúme.

Fiquei desesperada, não suportaria ser abandonada, deixada às traças quando já tinha me entregado completamente de corpo e alma, eu não deixaria tudo acabar.

Não sei dizer quanto tempo levou ou o que aconteceu, só lembro de gritar mais alto do que o som que chegava aos meus ouvidos, gritar *Eu Te Amo* de modo tão verdadeiro e lindo, gritar tanto, a ponto de sentir dor na garganta e em troca receber apenas um olhar. Um olhar de desprezo de quem fora traído, de quem raspou da pele uma tatuagem, tão afiado quanto um bisturi sobre a pele. Um olhar dizendo fim.

Então tentei novamente explicar a tola situação. Tentei dizer o tempo daquele bilhete, um ano para ser exata. Falei com prazer que aquele bilhete fora o início de minha história com Amaury e me senti mal ao gritar que ele havia me traído com a merda de uma simples empregada.

Isso foi o suficiente para sentir a minha face queimar de forma agradável no início, mas insuportável em seu final. Meus olhos se fecharam automaticamente, e quando se abriram novamente, estava com uma ampla visão de mim mesma de frente para o espelho. Não o de meu quarto, mas um desses usados em uma prateleira. Uma figura estava atrás de mim, nua, e outra mais próxima.

Não consegui levantar a cabeça, algo não permitia tal movimento.

Olhei novamente para o espelho e então reconheci o rosto ofegante de Amaury Augusto, que suave e soluçava, enquanto dizia algo para a outra imagem. Não escutava nada, apenas vi os lábios dele movendo-se com dificuldade. Mas que merda era aquela?

Estávamos nus, não me mexia e ele parecia estar bêbado e devido a gosma em sua boca, parecia ter acabado de vomitar. Talvez fosse essa a resposta, estávamos bêbados. E a outra figura?

Forcei novamente a visão para conseguir focalizar a imagem escura mais à frente, e então a dor veio.

Quando meus olhos se ajustaram na figura ao nosso lado, uma dor indescritível me atingiu a cabeça, se espalhando lentamente por todo o meu corpo, impossibilitando de me mover ou gritar. Ao nosso lado, de pé, olhando para Amaury, estava tia Fátima.

Ela tinha lágrima em seus olhos, ela estava com...

Uma arma em sua mão, apontada para Amaury.

Eu não pude fazer nada, estava nua e imóvel naquele lugar, e quando a dor pareceu atingir a ponta dos meus pés, olhei novamente para o espelho entendendo finalmente o que estava acontecendo.

Estávamos na casa de tia Fátima, em seu quarto de hóspedes, eu estava com o mesmo vestido no qual Amaury colocara o bilhete, nos beijamos e nos despimos, ignorando a festa que acontecia no andar de baixo.

Levou pouquíssimo tempo, depois de ter sido penetrada por Amaury, para que a porta se abrisse e tia Fátima nos pegasse naquela cena sexual. Eu me assustei e tentei esconder a vergonha, mas não deu tempo.

Tia Fátima munida de uma arma, atirou em minha face, fazendo o meu corpo ser lançado em cima da penteadeira, onde um grande espelho refletia toda a cena. Amaury gritou de horror e vomitou logo em seguida. Revendo a imagem pelo espelho ensanguentado, consegui ouvir uma voz distorcida de tia Fátima, rangendo entre os dentes as palavras: *“me trair com a merda de uma empregada Amaury Augusto?!”*.

E assim tudo ficou claro em minha loucura. Eu sempre fui a empregada, tia Fátima era a patroa dos meus pais e Amaury Augusto, seu noivo, que sempre deu em cima de mim. O tom em cor de morango fez me lembrar do quarto espelhado. A cor era o meu próprio sangue, escorrendo no espelho e toda a parede daquele quarto, já os espelhos em que pensei me amar, eram apenas a última visão que tive antes do meu fim.

Nota do autor:

Este conto foi inspirado no filme: Deadline, de 2009, também conhecido pelo título de “Flashes de uma Psicose” ou “Prazo Mortal”, ambos os títulos no Brasil. Originalmente escrito em 2016.

Lady

Amanda Kraft

O dia amanheceu ensolarado, perfeito para uma corrida. Preparei o desjejum e chamei Lady, minha *golden retriever*, que ao ver a coleira em minha mão, balançou o rabo satisfeita. Fechei a porta da frente sem me importar como o dia seguiria. Queria apenas sentir o ar matinal batendo no rosto e as batidas do coração dissipando quaisquer resquícios de problemas. Seguimos para o bosque nas cercanias do condomínio. Lady ia à frente, às vezes parando para chafurdar um odor desconhecido, para tão logo se distrair ao me ver à sua frente.

A extensa trilha que cortava o bosque estava fresca. Talvez um pouco mais do que de costume, entretanto, meus pensamentos estavam totalmente limpos. Focava apenas nas batidas surdas do tênis na terra compacta. Adiante, Lady estacou abruptamente, rosnando para o nada. Aproximei-me, afagando a sua cabeça dourada:

— O que foi, princesa? — vasculhei o local à procura de algum animal traiçoeiro que pudesse estar nos espreitando. — Vamos? — puxei a coleira, contudo ela não se moveu e passou a latir ferozmente, deixando-me em alerta.

Incomodado, percebi o silêncio aterrador que envolvia o bosque. Olhei para a copa das árvores esperando vê-las balouçar ao vento, entretanto não se moviam. Senti-me dentro de uma pintura morta. Tentei puxar Lady, mas ela se deitou no chão, choramingando baixinho. Olhos pareciam me espreitar nas sombras. Girei a cabeça, à procura de alguma coisa com o que pudesse me defender. Não encontrando, peguei-a no colo. Estava disposto a percorrer todo o caminho de volta segurando-a, apenas para me livrar daquela sensação de que algo estava para acontecer e de que não iria gostar. A velha trilha havia desaparecido como por encanto, como se estivesse num outro espaço-tempo. Percebi, assustado, um musgo negro cobrindo parte dos troncos, assim como folhagens que nunca percebera em minhas caminhadas. Um cheiro acre e fétido chegou até mim, o que me parecia impossível, pela falta do menor sopro de brisa. Encontrava-me perdido dentro de um mundo ligeiramente familiar. Era o mesmo bosque no qual caminhava todos os dias, entretanto, algo estava diferente e não sabia precisar exatamente o que o fazia assim. Pus-me a caminhar, cauteloso, aguçando os ouvidos, enquanto o odor aumentava a cada instante.

Eu conhecia aquele bosque como a palma da minha mão. Se continuasse me movendo, circunvagando-o, logo sairia nos limites do condomínio novamente. Não tinha tanta certeza, no entanto, era o melhor a fazer. Caminhei, observando tudo ao meu redor. O medo sombrio se apossou de mim, cada vez que sentia o cheiro aumentar e o silêncio tornar-se sufocante. Lady gemia baixinho. Não perdi totalmente a sanidade, pois sentia o seu coração acelerado sob a minha mão. Gritei! O som estridente da minha voz acabou me abalando mais do que o silêncio. Caminhei até chegar a uma pedra escura e pontuda, que nunca havia visto naquele lugar. Nada mais fazia o menor sentido. Toquei-a, retirando a mão instantaneamente. Era quente como uma pele nua. Nesse momento, Lady pulou do meu colo e se pôs a latir, andando de um lado para o outro. Corri atrás dela e então percebi que a pedra, com sua textura lisa e macia, era mais extensa do que parecia. Tive tempo de vê-la desaparecendo por uma abertura dentro daquela coisa. Levei as mãos à cabeça gritando por ela. Ouvia o eco de seus latidos e minha mente quase colapsou. Como poderia, se a pedra parecia estar viva? Gritei mais uma vez com toda a minha força. Ela choramingava novamente. Pensei-a de alguma forma ferida.

Lady era mais do que uma amiga. Foi o meu Norte quando perdi meus pais repentinamente num acidente de carro. Não pensei duas vezes em me jogar dentro daquela pequena abertura. O cheiro ácido e fétido quase me deteve. Prendi a respiração o máximo que consegui, arrastando-me pelo chão úmido. Quando as costelas pareciam explodir, coloquei o braço sob o nariz, puxando o ar devagar. Enquanto caminhava sobre as mãos, senti-as pegajosas, mas não liguei. Não quis pensar no que poderia cobrir aquele chão. Não naquele momento e, se Deus me ajudasse, apagaria definitivamente da memória a experiência pela qual estava passando. Isso, se conseguisse sair vivo dali. Algo me dizia que talvez fosse impossível. Talvez estivesse cavando a minha própria cova. Entretanto, pensar em mim não era a solução. Precisava chegar até a minha amiga e resgatá-la daquele lugar horrível. Percebi que ela havia parado de choramingar, no momento em que senti o solo se curvar para a esquerda. Um pequeno foco de uma luz esverdeada pulsava adiante. Segui em silêncio na sua direção, percebendo que a parede se tornava abaulada no teto. Vi sombras traçando desenhos disformes nela. Senti a boca seca, tamanho era meu estado de terror.

Assim que terminei a curva, no mais absoluto silêncio, tendo as batidas surdas do coração a me acompanhar, irrompi em um espaço largo e redondo, como uma clareira, onde havia várias saídas cobertas por sombras escuras. Pareciam túneis. Mas para onde dariam? Por dentro pareciam ser muito maiores do que pelo lado de fora. Abafei o grito, levando as costas da mão à boca, ao mirar a fonte de luz. No centro daquela gruta, a luz verde pulsava viva, feito um coração

bombeando sangue. A criatura de pele escamosa e brilhante estava agachada sobre Lady. O que me pareceu ser uma boca, na verdade, se parecia com uma tromba de tamanduá, porém, bem mais curta e rugosa se abriu. Escondi-me nas sombras da parede, a tempo de vê-la sugando os pelos e a carne de minha amiga, deixando apenas os ossos, brancos, sem nenhum vestígio de sangue. Caí sentado no chão, quase desfalecendo. Não tive coragem de me mexer. Ouvi um barulho e me arrisquei a olhar novamente para dentro da clareira, no exato momento em que outra criatura deixava as sombras. A que sugava Lady se afastou e pude ver a fenda em seus olhos vermelhos. Elas pareciam conversar. A que acabara de chegar, parecia furiosa. Outra chegou e começou a farejar o ar, fazendo a pequena tromba balouçar para os lados. Corria perigo ficando ali.

Afastei-me daquele lugar o mais rápido que pude, conseguindo, talvez por um milagre, voltar ao bosque. Corri como nunca corra antes, sentindo que meu coração arrebentaria a qualquer momento. Era-me difícil conceber que tudo aquilo não passava de um pesadelo, do qual acordaria a qualquer minuto. Caí, quando meu pé enroscou numa raiz grossa. Senti a cabeça anuviada e creio ter perdido os sentidos. Acordei com um pássaro bicando a minha mão coberta por um líquido espesso e escuro. O sol estava alto no céu. A conhecida trilha, por onde passei tantas vezes, pareceu-me uma estrada de ouro, diante do alívio de revê-la. Sentei, encostando-me no tronco da árvore, e chorei. A imagem da coisa não saía da cabeça. Chamei baixinho por Lady, mas sabia que jamais a veria novamente. Algo acontecera ali antes de tudo voltar ao normal. E não digam, por favor, que tudo não passou de um sonho, pois ainda guardo seus pelos dourados, que ficaram presos em minha camisa, como um lembrete daquele dia bizarro, sem dizer as cicatrizes nas mãos.

Ainda tenho pesadelos com aquilo. Não sei por quanto tempo fiquei catatônico no sofá, assistindo a uma TV que não enxergava, apenas para ter companhia e não me esquecer de que, apesar de tudo, ainda estava vivo. Não consegui mais deixar a casa perdida em sombras. As luzes se tornaram as minhas companheiras. Já não corro mais. Dias mais tarde, quando a sanidade pareceu voltar, encarei o noticiário. A cidade encontrava-se perplexa com o desaparecimento de todos os cães. Ouvi, incrédulo, os relatos dos donos desesperados, oferecendo recompensas a quem pudesse saber do paradeiro dos amigos peludos, sabendo que jamais voltariam para eles.

O Outro em Nós

Weverson Campos de Oliveira

Os amigos e familiares já observavam há algum tempo que Taric havia mudado. Nos últimos meses passara a ter um comportamento taciturno e introvertido, falando pouco, evitando ir a festas e em outras reuniões quaisquer. Ficava a maior parte do dia dormindo desde que perdera o emprego, e à noite, em virtude da insônia, perambulava pela casa, saía para o quintal, caminhava pelo quarteirão. Os vizinhos pensavam que estivesse com depressão devido ao divórcio com a esposa. O casamento durara sete anos, mas raros foram os momentos de harmonia entre os dois. Pouco tempo depois dos dois se unirem, Taric começou a ter um caso com uma amiga de infância. O relacionamento foi se estendendo ao longo dos anos até que a mulher, cansada da traição, resolveu deixá-lo sem dar satisfações.

Parecia muito plausível que a mudança de comportamento dele fosse depressão, mas os mais próximos sabiam que não. O fato é que Taric estava sendo constantemente atormentado por imagens e visões. Sua amante e amiga de infância desde adolescência participava de uma seita pagã que cultuava divindades xamânicas. Depois que começaram o caso, ela o convidava constantemente para participar dos cultos sabáticos de sua religião. Depois de muito tempo de relutância ele finalmente aceitou o convite. A primeira vez que ele participou do *sabbat*, foi numa noite de primavera. Num bosque afastado da cidade os comensais se reuniram em torno da fogueira sagrada. Os homens tocavam tambores e outros instrumentos folclóricos para invocar a presença dos espíritos ancestrais, as mulheres, paramentadas com longos vestidos brancos e adornadas com flores e ramos de plantas medicinais, dançavam em círculos. Um chá feito de ervas alucinógenas foi servido aos participantes fazendo-os entrar num transe místico, permitindo-os estender a cerimônia por toda a madrugada. Taric como não era iniciado, não bebeu do elixir e, tendo se cansado do longo ritual, acabou por adormecer ali mesmo, indo acordar de madrugada, quando os comensais se preparavam para voltar para casa ao nascer do Sol.

Depois daquele dia ele participou esporadicamente de outros rituais, mas alguns meses antes de se divorciar, ele já o fazia semanalmente, tendo pedido inclusive à amante para que fosse iniciado na seita. O ritual fora feito como de

costume numa noite de sábado, um sábado de Lua nova. Taric vestira uma túnica marrom e teve seus olhos vendados, em seguida, fora levado para a floresta onde o giraram em círculos concêntricos para que perdesse o senso de direção. Então os demais comensais, que se encontravam na clareira perto da fogueira sagrada, iniciaram os cânticos, apenas uma sacerdotisa mais idosa permaneceu com Taric. Ele teve que caminhar às cegas pelas árvores, se orientando unicamente pelo som dos tambores e das vozes. Ele teve bastante dificuldade em conseguir realizar tal tarefa, quando seguia por muito tempo na direção errada, a sacerdotisa o advertia de seu erro, sem indicar-lhe propriamente a direção correta. Depois de tropeçar várias vezes nas raízes e pedras chão da floresta, decidiu por bem caminhar agachado, tateando com as mãos o caminho à frente para se orientar melhor. Percebeu uma luminosidade atravessando o denso pano de sua venda, se deu conta de que já estava perto da clareira. Quando finalmente chegou ao local, a sacerdotisa deu um grito alto e agudo que mais se parecia com o grasno de alguma ave desconhecida. As mulheres que dançavam ao redor da fogueira responderam com um som semelhante. Os tambores começaram a bater mais rapidamente e o ritmo da canção, entoada por ele, se acelerou. Uma das comensais tomou-o pela mão e o aproximou da fogueira congregando na roda, eles dançaram em círculo, de mãos dadas por um tempo, Taric era puxado para lá e para cá, se movendo desajeitadamente sem saber ao certo o que fazer.

Subitamente o canto cessou, um único comensal começou a tocar um tambor solitário, num ritmo crescente que deixou Taric arrepiado. Uma sacerdotisa começou a pronunciar uma oração na língua oculta utilizada pelos membros da seita em seus rituais. Ele, apesar de vendado, conseguia perceber a aproximação da mulher, ela parou em sua frente e as comensais que o ladeavam o empurraram, fazendo-o cair no chão de joelhos.

— Abra a boca — disse a sacerdotisa.

Ele assim o fez. Ela derramou em sua boca o chá alucinógeno, o fez engolir grande quantidade, enquanto continuava sua oração misteriosa. Depois que terminou de ingerir o chá, as comensais o colocaram novamente de pé e a música reiniciou. O canto agora era diferente do anterior, sendo entoado unicamente pelos homens em um tom grave e tenebroso. Não demorou muito para que o chá fizesse efeito. Taric começou a sentir uma tontura, a princípio não conseguiu distinguir se era causado pela ingestão ou pela ciranda sagrada na qual era arrastado pelas mulheres. Começou a suar frio e sentir tontura, em seguida veio uma náusea crescente, ele sentiu seu corpo esmorecer e caiu no chão, vomitando. Os demais comensais gritaram como se estivessem expulsando algo, Taric teve medo de ter feito algo errado e sentiu-se envergonhado. Quando seu mal-estar passou, o ergueram novamente e a ciranda recomeçou, suas mãos e pés começaram a

formigar, uma forte tontura o fez perder o senso de direção, tudo girava, novamente as náuseas vieram e, mais uma vez, ele vomitou. Os mesmos gestos se repetiram outra vezes até que não restava mais nada para seu estômago, a não ser uma bílis amarga e pegajosa. Quando suas forças tinham se esvaído quase por completo a ponto de não conseguir colocar-se em pé, os comensais uniram seus pés e suas mãos, como os de um defunto, e depois o colocaram em uma maca, erguendo-o do chão e carregando-o ao redor da fogueira. Ele estava como que desmaiado, mas ainda conseguia ouvir a música e as vozes dos comensais, sentia o calor da foto, mas não sentia o próprio corpo. O tempo parecia não passar, sentiu estar uma eternidade sendo carregado naquela maca. Em seguida o desceram ao chão e o colocaram de pé, despiram-no de sua túnica marrom e o vestiram com roupa de um iniciado. Taric fazia o que lhe pediam como se fosse um boneco qualquer, sentia como se sua mente e seu corpo tivessem se desconectado por completo. Uma velha sacerdotisa retirou sua venda e disse:

— Contemple a chama sagrada, mãe de todas as coisas!

A princípio sua visão estava tão turva que não conseguia distinguir nada além da chama alaranjada da fogueira. Conforme as coisas desembaçavam, Taric pareceu ver uma pessoa dentro das chamas, “como ele pode não se queimar?”, perguntava-se.

Demorou um pouco para que entendesse que estava diante de uma Entidade desconhecida até mesmo pelos membros da seita. Ele olhava fixamente nos olhos de Taric, que se encheu de pavor e começou a gritar a se debater. Os homens cessaram o toque dos tambores e vieram segurá-lo, as sacerdotisas puseram as suas mãos sobre ele, rezando. Ele não viu mais nada depois disso. No dia seguinte, acordou na casa de sua amante, confuso e com uma forte dor de cabeça. Sua companheira, agora irmã oculta, foi contando tudo o que fora feito na noite anterior e ele foi recobrando as memórias. Foi num *inside* súbito que a imagem da Entidade de olhos penetrantes veio em sua mente. Ele estremeceu, não sabia se deveria ter visto aquilo e qual significado aquela visão teria. Esta foi a verdadeira causa de sua mudança de comportamento.

Desde aquele dia o mundo tomara uma expressão vazia e melancólica, como se a vida, ou seu ânimo de viver, tivesse de alguma forma se perdido nas chamas daquela fogueira. A dúvida sobre o que vira tornou-se uma obsessão crescente e ele dedicava cada vez mais tempo em procurar em livros e em sites de ocultismo sobre a Entidade misteriosa, mas não encontrava nada. Foi ao local de culto da seita numa tarde de sexta-feira, e procurou qualquer vestígio ou sinal daquele ser de olhos penetrantes, rodou pelos arredores em meio as árvores até o cair da noite, mas não encontrou nada. Sentou ainda algum tempo sob a luz das estrelas, rezando aos espíritos e até mesmo para Jeová, suplicando que pudesse ver novamente a

criatura ou que pelo menos encontrasse alguma resposta. Mas os deuses permaneceram em silêncio.

O desfecho dessa história se deu na noite em que Taric se encontrava sozinho em sua casa. Uma forte chuva caiu sobre a cidade fazendo com que a luz apagasse. Taric ouviu um som, uma voz vinda de algum lugar da casa. Pegou a sua lanterna e começou a vasculhar os cômodos procurando. Quando entrou no corredor, ao sair da cozinha, voltou-se para a direção oposta na qual um grande espelho cobria quase toda a parede da passagem, foi se aproximando com a luz da lanterna na direção do espelho de forma que não conseguia ver nenhum reflexo além do fecho de luz. Quando chegou mais perto e abaixou um pouco a lanterna, as luzes da casa reacenderam, ele viu novamente a Entidade fitando-o por detrás do espelho. Seus olhos esbugalhados com as pálpebras dilatadas o olhavam fixamente. Ele aproximou a sua mão da superfície do espelho e a entidade o imitou. Ele tocou o vidro com a palma, ela também. Os dois aproximaram o rosto um do outro. A entidade delicadamente o puxou para o outro lado, e ele sem nenhuma resistência se deixou levar. Seu corpo atravessou a superfície vítrea do espelho como se esta fosse algum tipo de líquido viscoso. Quando seu corpo atravessou por completo, já não havia mais Entidade, já não havia mais Taric.

Show Bizarro

Condessa da Escuridão

Era noite fria de quinta-feira, apesar das ruas vazias e silenciosas, dentro do *Barks Shows* estava tudo aconchegante e caloroso.

Era noite de espetáculo, um grande mágico estava para chegar.

As cadeiras estavam praticamente todas ocupadas, o palco iluminado, com os acessórios do mágico misterioso.

Sentei-me na segunda fileira, próximo ao palco, queria apreciar o show de perto.

Às 20h30 ele chegou e se apresentou dizendo que seu nome era Caim, mas de bíblico tinha apenas o nome mesmo e que todos os presentes iriam conhecê-lo como Deus da Morte.

Sua aparência era de um senhor de aproximadamente 50 anos, suas vestimentas maltrapilhas e de cores pretas e marrons.

Sua voz era gutural, como se tivesse engolido algo e tivesse ficado preso em sua garganta. Não mostrava a face, era tipo aquele ilusionista famoso dos anos 90, conhecido como Mister M.

Iniciou seu show com o famoso truque das cartas, pegou uma pessoa da plateia, pediu para que escolhesse a carta e não mostrasse a ele, mas que mostrasse aos espectadores, a carta era um “Ás” de copas, então ele misturou ao baralho novamente, pediu para o participante cortar o baralho e colocou o baralho em um copo com água, nisso, magicamente, o “Ás” de copas apareceu flutuando sobre a água.

A plateia vibrou, gritou, assobiou, o participante ficou visivelmente abismado e voltou para a sua cadeira.

O Mágico agradeceu e prosseguiu o show, entre fazer bolinhas flutuarem, hipnose, “separar” o corpo de outra participante da plateia, “separar” a cabeça do corpo e etc.

Mas o ápice da noite estava para chegar, o tempo passou bem rápido, quando dei por mim já era quase 00h00, olhei ao redor e todos estavam mais atentos do que o normal, para o novo truque do mágico.

Quando então, ele diz:

— Estão prontos para conhecerem o meu mais novo truque? Querem ver por que me chamam de Deus da Morte?

A plateia ovacionou com mais assovios e palmas, e então uma fumaça vermelha cobriu o lugar, o mágico tirou sua máscara facial, revelando a sua verdadeira face.

Um rosto deformado por cicatrizes, parecendo queimado de ácido ou água quente, pele avermelhada nas regiões lesionadas, de sua boca escorria uma espécie de baba, que era rapidamente sugada por uma cânula a qual ele mantinha muito bem escondida debaixo das roupas, na testa parecia haver chifres, mas talvez eu devesse estar zozinho devido àquela fumaça toda ou aquele cheiro forte e fétido de enxofre.

O mágico, ou demônio, agora eu já nem sabia identificar mais, simplesmente amarrou pelos tornozelos e pulsos, uma jovem moça da plateia que parecia sorrir forçadamente, pois lágrimas escorriam de seus olhos.

Pegou uma faca guardada dentro do sobretudo e começou a cortar algumas partes do seu corpo, iniciando pelo umbigo, abrindo-a em um corte na vertical passando pela barriga, seio e garganta.

A moça tremia compulsivamente, o mágico, enfiou suas mãos dentro do abdômen da moça e retirou as vísceras, jogando com força na mesa, o sangue jorrava, banhando com respingos os espectadores da primeira fileira.

O relógio soou meia-noite, um estrondo foi ouvido, o mágico havia hipnotizado todos que agora sorriam compulsivamente, sarcasticamente e, alguns dos choravam e sorriam, morriam por asfixia.

Senti como se fosse ao pé da letra a expressão: “morrer de rir”.

Levantei-me e fui andando em direção à saída, aquilo estava mais para um espetáculo do horror.

Tentei com todas as forças abrir a porta, mas parecia emperrada, como se algo a impedisse de abrir.

Foi quando senti alguma coisa fria tocando em meu pescoço, virei-me lentamente e vi algo aterrorizante.

O mágico estava a um passo de mim, seus dedos agora eram garras, das quais pingava sangue, de suas deformidades, escorria um líquido viscoso de cor esbranquiçada, a cânula que antes estava em sua boca, agora estava pendurada, e a boca escancarada com dentes pontiagudos prontos para perfurarem meu pescoço, como um filme de terror.

Tentei gritar, mas fui impedido por um gosto levemente enferrujado, foi então que percebi que estava ferido, levei a mão até o pescoço e lá estava o corte na horizontal, de canto a canto, a partir daí minha visão foi escurecendo, fui

escorregando lentamente até cair no chão e ouvi-lo sussurrar em meu ouvido: “Feliz sex...” e apaguei.

No outro dia os jornais estampavam uma manchete: “Show Bizarro é o primeiro incidente horrendo nesta sexta-feira 13”

A casa teatral *Barks Shows* recebeu na noite de quinta-feira, uma presença ilustre, o mágico Caim, que enquanto se apresentava algo muito peculiar aconteceu, quase todos os convidados morreram de tanto rir, parece piada, mas não é.

Alguns corpos foram encontrados mutilados, decapitados e desmembrados. No local, o forte cheiro de enxofre, fezes, urina e sangue impregnavam o ar, os bombeiros e socorristas tiveram dificuldade para permanecerem no local sem o uso de uma máscara.

No IML foi aquele caos para os parentes reconhecerem os corpos.

E vocês leitores, devem estar se perguntando onde está o corpo do mágico, não é?

Pois bem, aqui vos digo, o corpo do mágico, como num passe de mágica, simplesmente desapareceu.

Foi encontrado apenas um bilhete com os seguintes dizeres: “Feliz, Sexta-Feira 13”.

Quem tem medo de palhaço?

André Luiz de Melo

Era início de noite, uma brisa agradável espalhava o cheiro de pipoca e algodão-doce por todo o parque itinerante. As luzes coloridas anunciavam atrações divertidas. Havia mágicos, equilibristas e palhaços andando no meio da multidão, divertindo o público.

Famílias levavam suas crianças, que corriam para lá e para cá, segurando balões coloridos e exibindo sorrisos banguelas, enquanto jovens liam a sorte com Madame Cassandra ou testavam a pontaria em barraquinhas de jogos para ganhar brindes de pelúcia. Até mesmo uma roda gigante fora montada, dando aos namorados uma vista linda para trocarem beijos. Tudo embalado pela música de circo que vinha dos alto-falantes.

Mas nem todos no parque estavam felizes. Se prestasse atenção, talvez visse o menino sozinho, chorando perto da barraquinha das argolas. Ele não devia ter mais do que cinco anos pela aparência. Tinha um corte de cabelo estilo tijelinha, trajava uma bermuda até a altura da canela e uma camisa manga curta de botão. Ninguém parecia ligar muito. O lugar estava cheio, todos se divertindo e cuidando das próprias vidas para prestar atenção na criança. Todos, exceto o palhaço...

— Ora, ora, posso saber por que está chorando, amiguinho? — disse a figura, surgindo ao seu lado. O menino limpou as lágrimas com as costas da mão e olhou para cima. Lá, viu o estranho com uma roupa verde-água, pompons laranjas, rosto branco marcado pelo nariz vermelho e pelo sorriso permanente.

— Eu me perdi da minha mãe — respondeu o pequeno, com a voz embargada pelo choro.

— Ah, uma criança perdida. O que vamos fazer com você, amiguinho? Não se preocupe, o palhaço Alegria está aqui para te ajudar. Aposto que sua mãe também está preocupada, então vamos procurá-la.

O palhaço estendeu a mão com a luva branca para o menino, um convite tentador. É claro que não se deve falar com estranhos, ainda mais em lugares como aquele. Afinal, quando o cheiro de algodão-doce e pipoca se dissipa, quando as luzes se apagam e a música desliga, o que sobra é um lugar estanho, que pode partir, a qualquer momento, Deus sabe para onde. Mas o menino não se preocupou com isso, afinal não se tratava de um estranho, mas sim, de um palhaço. Ele gostava de palhaços. E por que não gostaria, não é mesmo? Assim, ele deu a mão para o homem da roupa verde e nariz vermelho.

— Para onde estamos indo? — perguntou a criança, quando eles pegaram um caminho que levava para os fundos do lugar. O som dos risos e a música feliz ficando para trás. A escuridão da noite aumentando, conforme saíam da luz do pátio principal.

— Não se preocupe, amiguinho. Estamos quase chegando, então vou procurar sua mamãe. Não precisa chorar, vou cuidar de você — respondeu o palhaço, mas o menino continuava soluçando. Então o estranho parou no meio daquele lugar ermo. — Não fique tão triste. Aposto que está com fome, não é? Tenho algo especial aqui para você.

O palhaço colocou a mão dentro da calça folgada. Língua para fora, como se procurasse algo de modo teatral.

— Prontinho — disse ele, tirando um pirulito vermelho do bolso que ficava escondido na fantasia. — Pegue, você vai gostar.

— Na verdade, estou com fome de outra coisa — disse o menino.

— É mesmo? De quê?

Os olhos da criança se tornaram negros, a pele adquiriu um tom pálido, com o de um cadáver. Dentes pontiagudos surgiram de uma bocarra medonha, arreganhada. O palhaço fez uma expressão de espanto que, em qualquer outro contexto, seria cômica pela pintura exagerada. Mas não ali. Não no meio do caminho até a cabana do administrador, para onde ele pretendia levar o menino — quando ainda achava que era um menino.

Abrindo seu sorriso hediondo, o demônio bebedor de sangue atacou, mirando na garganta. O palhaço caiu, tropeçando nos sapatos enormes. Sentiu a físgada das presas dilacerando sua pele e pôde ouvir os goles generosos que o monstro dava em sua jugular. Foi a última coisa que ouviu antes de fechar os olhos para sempre.

Pouco tempo depois o menino voltou para o movimentado pátio principal, mas agora já não parecia uma criança. A criatura aparentava ter uns 18 anos, trajando calça jeans e uma jaqueta de couro. A aparência certa para a caçada.

Ao longe, viu uma jovem de vestido branco e cabelo preso comendo algodão-doce. Ele sorriu, lambendo o pirulito que ganhara do falecido palhaço Alegria. Satisfeito como só um predador fica quando encontra uma saborosa presa.

ANHANGÁ (O guardião da Floresta)

Weverson Campos de Oliveira

Tainã jogava bola na quadra do colégio com um grupo de colegas, havia alunos de diversas turmas formando os dois times. A bola estava com o zagueiro do time adversário, que saiu correndo em direção ao gol, driblando vários jogadores, Tainã, que estava no meio de campo, foi com tudo para cima do rival. Os dois entraram numa dividida com toda a força, o zagueiro do outro time perdeu o equilíbrio e caiu no chão. Alguns membros de seu time gritaram: “É falta!”, e outros do time de Tainã gritaram “Falta nada não! Segue o jogo”. Porém os dois, que já nutriam alguns desafetos mútuos, se estranharam:

— Presta atenção, moleque! — gritou o zagueiro do time adversário, dando um empurrão em Tainã.

— Calma lá, meu irmão! — respondeu ele, peitando o outro garoto. — Posso fazer nada, não! Vai querer encarar?

— Tapera! Vai pro mato pescar de tanga, seu índio babaca!

— Índio é tua mãe! — respondeu Tainã.

— O que você falou da minha mãe?

— Chamei ela de índia!

— Índio é tu, seu caboclinho!

O garoto deu uma cabeçada em Tainã, que revidou com um soco. Os dois saíram na mão. Alguns dos colegas tentaram separar, enquanto outros gritavam: “Briga! Briga! Briga!”. Um monitor vendo a confusão chegou ao local e ajudou a separar os dois jovens.

— Que palhaçada é essa aqui! — disse ele. — Vocês querem brigar, vão brigar da porta do colégio pra fora, aqui não! Vão já os dois pra secretaria!

— Ele que começou! — falou Tainã.

— Ele xingou minha mãe! — respondeu o outro.

— Não quero saber, os dois, já pra secretaria.

Os dois garotos tomaram uma bronca da diretora e receberam advertência por escrito para os seus pais assinarem. Quando Tainã chegou em casa, entrou no quarto e ficou deitado na cama, olhando para o tempo. Ele sempre se chateava muito quando alguém o chamava de índio e fazia alguma piada relacionada à sua ascendência. Ele pegou o celular e começou a ver suas fotos nas redes sociais, ia

correndo com o dedo as muitas imagens postadas e observava melancolicamente sua pele morena, seus olhos puxados e o cabelo liso, que não negavam a sua etnia. Se fosse como os outros, certamente seria muito mais feliz. Ao menos se tivesse a pele mais clara, ou o nariz um pouco mais fino. Enquanto estava divagando em pensamentos, seu avô entrou no quarto:

— Boa tarde, meu neto! Tudo bem?

— *Bença, vô* — respondeu ele.

— Deus te abençoe. Olha aqui, fiz um presente pra você, é um muiiraquitã, um amuleto pra te proteger.

Tainã olhou para o cordão nas mãos do avô com um pequeno pingente de pedra em formato de rã. Aquela cena fez com que ele se sentisse ainda pior, seus olhos se encheram de lágrimas, ele se segurou para não chorar. Com a voz trêmula falou:

— Não quero.

— Tem certeza? Eu fiz pra você com tanto carinho.

— Já disse que não quero! — disse, elevando o tom de voz.

Seu avô então saiu do quarto cabisbaixo com o muiiraquitã nas mãos. Tainã sentiu-se culpado por tê-lo maltratado, mas ao mesmo tempo, com raiva de ter herdado dele as características que tanto o incomodavam. Sua tristeza foi se transformando numa angústia crescente, como se houvesse um buraco no lugar de seu coração que comprimia seu peito e parecia ir aos poucos o engolindo. Num ímpeto de desespero, se levantou e saiu correndo de casa. Pegou sua bicicleta e pedalou para o mais longe que pôde.

Ele seguiu por uma trilha que levava para fora da cidade, foi pedalando distraidamente até chegar em um igarapé num lugar mais afastado da mata. Ali deixou a bicicleta no chão e se sentou na margem do rio. As árvores se erguiam ao seu redor frígidas e assombrosas sob a luz avermelhada do fim de tarde. Ele ficou sentado com o olhar vago, remoendo memórias, queixando-se da vida, tentando esquecer-se de si mesmo. Quando deu por si já era noite, e as estrelas brilhavam no céu. Ao se ver sozinho na floresta escura, Tainã foi tomado por uma sensação de pânico. Ele olhou ao redor assustado: sombras o cercavam por toda a parte, cada tronco e galho de árvore parecia perigoso e nefasto, foi então que teve a sensação que alguma coisa o observava. Ele se levantou e pegou a sua bicicleta pretendendo ir embora. Seu coração batia acelerado. Olhou ao redor novamente, procurando ver algo por sob e véu da noite. Seu olhar se fixou na margem oposta do rio, não conseguiu ver nada além do vulto das árvores, mas ainda assim, sentia dentro de si que havia alguma coisa o observando de algum lugar da floresta.

Tainã seguiu pela trilha de onde viera, pedalando devagar como se assim chamasse menos atenção do que quer que fosse. Ele ouviu o canto estridente de

uma ave ao longe. Um calafrio percorreu seu corpo por inteiro. Ele parou e olhou para trás. Não viu nada. Mas antes que tornasse a pedalar, vindo da mata fechada, o som ofegante da respiração de um animal chegou aos seus ouvidos. Ele ficou paralisado. Parecia estar cada vez mais próximo. No meio da escuridão, duas órbitas se abriram atrás de Tainã, eram dois olhos amarelos vindo em sua direção, foi então que mesmo sob quase total escuridão, conseguiu ver a silhueta de uma onça-preta. Subitamente, voltou-se para frente e começou a pedalar freneticamente, passando por sobre pedras e raízes, desviando de galhos e outros obstáculos. A tênue luz da Lua que ousava atravessar a copa das árvores pouco iluminava seu caminho. Àquela velocidade na escuridão, não caminhou muito até que batesse em uma raiz mais elevada que crescia no meio da estrada, caindo estatelado no chão.

Ele ficou um momento atordoado com a queda, quando deu por si, estava estendido no chão olhando para o céu. Caíra de baixo duma clareira na copa das árvores por onde podia se ver bem ao centro a Lua crescente. Um clarão iluminou momentaneamente o lugar. Ele se levantou para ver o que era. Naquele momento viu algo do qual nunca mais se esquecera. Ali, diante de seus olhos, com um brilho fluorescente e fantasmagórico estava um anhangá. Ele tinha a forma de um belo e altivo veado, com longos chifres que mais se pareciam com galhos de uma árvore, Tainã sentiu um misto de espanto e admiração. O anhangá ergueu sua cabeça em direção ao céu e emitiu um som semelhante um assobio. Tainã ficou arrepiado. O espírito então se aproximou dele e o tocou com o focinho. Tainã com um certo medo afagou sua face. Ele havia sido salvo por aquele guardião da mata:

— Meu avô contou histórias sobre você — falou com o anhangá. — Obrigado por me proteger daquela onça.

O animal bufou carinhosamente em seu cabelo, Tainã naquele momento sentiu uma paz indescritível, seu corpo começou a formigar, e sua alma pareceu levitar. Ele desejou que aquilo durasse para sempre. O espírito virou-se de costas para ele e adentrou solenemente pela mata, dando passos elegantes como um nobre senhor da floresta, Tainã ficou observando, já não sentia mais medo, nem remorso, nem angústia, tudo dentro dele era paz. O brilho fantasmagórico do animal foi desaparecendo por entre a copa das árvores. Tainã pegou sua bicicleta e tornou a pedalar, se sentia leve e esperançoso como uma semente de dente de leão voando solta pelo vento. Quando chegou em casa seu pai estava na porta com uma lanterna acesa em mãos:

— Meu filho, onde você estava? Eu já ia atrás de você, sua mãe já estava ficando nervosa de preocupação!

— Desculpa, pai. Eu estava no igarapé.

— Pois da próxima vez que sair, trate de avisar ao menos seu avô quando eu e tua mãe não estivermos em casa!

— Onde ele está?

— Seu avô? Na varanda.

Tainã deixou a bicicleta encostada, entrou pela porta da cozinha, onde viu sobre a mesa o muiraquitã que seu avô lhe havia feito, o pegou apertou-o firme em seu peito, beijou o pingente em forma de rã e colocou-o no pescoço. Em seguida, passou pela sala e foi ter com o avô, que estava deitado em sua rede sob a luz de um lampião a gás pendurado no teto.

— Vô?!

— Oi! Tainã, é você? — disse o velho, se levantando. — Onde você tava, meu filho?

— Eu fui no igarapé.

— E por que não me avisou?

— Me desculpa, eu tava meio confuso e chateado.

— Ah sim... Você tá usando o muiraquitã que eu te fiz? — disse o velho com surpresa.

— Estou sim — falou Tainã, segurando o pingente com ternura. — O senhor não vai acreditar no que aconteceu comigo!

O Insólito

Regina Porto

Eu, sentada à frente do espelho, arrumava os cabelos quando ouvi o grito. O relógio na parede, marcava treze horas exatas. Pela janela, vi que o dia tinha a cor acinzentada e sem vida, e Eva estava no patamar da escada que dava acesso à capela. Ela deu três passos para trás e, quando o fazia, algo de muito grave estava por acontecer. Nesse dia eu senti mais do que um arrepio. Senti medo.

Ela subiu as escadas como se flutuasse. Assombro, o gato que sempre estava aos seus pés, entrou junto com ela na capela. Da janela do meu quarto, a visão privilegiada da capela me permitia enxergar a lateral de pedra e pela porta lateral da grossa parede o velho altar e as chamas das velas, sempre acessas desde que a criança aparecera morta. A capela construída em um outro século no mais alto da encosta do morro, derramava as sombras das suas torres sobre o gramado nos dias em que o sol ardia. Em dias nublados, como o de hoje, as torres perdiam a parte mais alta que se enterravam nas nuvens baixas. Senti um tremor percorrer o meu corpo quando vi Eva no topo da escada com os braços estendidos e as mãos abertas na direção do céu. Os sapatinhos ela trazia na palma da mão esquerda e as meinhas com delicadas rendas, trazia na palma da mão direita. Um vento forte varreu as folhas do chão e levantou as saias de Eva, entretanto, as pequenas peças tão delicadas pareciam pregadas às palmas de suas mãos. Umas lembranças guardadas e esquecidas no porão vinham na minha memória. Eu sabia tudo que estava por vir.

Do alto, muito do alto, chegava um ruído tão forte que se confundia com uivos ou com os gemidos de um batalhão de soldados consumindo-se pelo fogo. Esse som desconhecido entrava pelos ouvidos, invadia os sentidos, tirava o equilíbrio e a noção do tempo se perdia. O mofo cobria as pedras da parede lateral da capela e uma densa bruma se espalhava pelo ar e engolia bem mais do que suas torres.

Quando se tornava a ouvir os miados do Assombro, a bruma aos poucos se dissipava. As torres emergiam ressuscitadas da densidade do ar e as pedras da lateral da capela brilhavam sem o mofo. Ao pé da escada, com as saias arrumadas e o sangue escorrendo pela ponta dos dedos, Eva olhava o Assombro, que jazia aos seus pés com os olhos esbugalhados.

O tempo, ah o tempo! Esse nem partia, nem voltava. Eu recuava o olhar para o relógio que, rigorosamente, marcava treze horas.

O Novo Apartamento

Robson Bezerra

Quando Vanessa enfim conseguiu alugar um apartamento, ela respirou aliviada por conseguir um tão grande e com um preço tão acessível.

A sua nova casa ficava na região central e ela se mudou imediatamente para o apartamento 12 daquele prédio.

Em sua primeira noite naquele lugar nada de anormal aconteceu. Mas a partir da terceira noite, ela começou a ouvir como se alguém lavasse pratos e varresse a casa. Aquilo a assustou no início, mas depois, essas coisas passaram batido. Aos poucos, as coisas foram ficando cada vez mais estranhas.

Ela começou a sonhar com uma senhora sentada em frente à sua cama, tomando chá e rindo.

Se antes não sentia medo, começou a sentir quando passou a vê-la em vários lugares. Achou que estava ficando louca. Pensou até em procurar um psiquiatra.

As coisas começaram a se tornar mais assustadoras quando em uma visita a uma das suas vizinhas, ela comentou o que estava acontecendo. Contando dos seus pesadelos, ela descreveu a mulher que tanto via e ficou sabendo que aquela velha senhora era uma antiga moradora do seu apartamento. Seu coração disparou e começou a suar frio, quando a sua vizinha lhe contou a história.

Ela disse que a velha senhora tinha enlouquecido e morrido ao beber um chá envenenado, junto com o marido. Disse também que uma ex-moradora do prédio tinha desaparecido após entrar naquele apartamento. Vanessa estava decidida a ir embora daquele lugar. Não ficaria mais uma noite sequer. Entraria só para pegar o básico e depois mandaria buscar o resto.

Quando estava fazendo a sua mala, sentiu uma presença na porta do quarto. Hesitou em olhar para trás, continuou fazendo a mala. Quando escutou uma voz doce.

— Onde pensa que vai, mocinha? Não está pensando em me abandonar, não é. Sinto-me tão sozinha.

Nesse momento as luzes se apagaram e a casa ficou no escuro. Apenas um grito de pavor, saiu na escuridão.

O corpo de Vanessa nunca foi encontrado, porque agora ela faz companhia à velha senhora, nas sombras daquela casa.

O Gancho

Rangel Elesbão

O carro de Sam deslizava velozmente pela estrada asfaltada. O rádio estava ligado e Elvis Presley cantava *Love Me Tender* a plenos pulmões.

Sam Preston-Mayers estacionou seu Impala vermelho, modelo *Bubble Top* 1960, junto à borda de uma terraplanagem, no alto de um morro, em meio ao bosque, numa nova área de loteamento de terrenos para expandir os limites de Elmerville. Ali era o local usado para o encontro dos namorados. Ficava no final de uma longa e deserta estrada asfaltada, que contornava toda a cidade até chegar ao topo do monte. De lá se avistava quase toda a cidade, que parecia uma árvore de Natal, com as suas luzes brilhantes.

A namorada de Sam, Vicky Landsthrong, estava ao seu lado, ofegante. Era uma garota ruiva, alta e bonita, com um brilho nos olhos que iluminava o seu rosto. Faziam um casal perfeito, se bem que, às vezes, ela o tirava do sério.

Sam acariciou o rosto da sua garota, depois escorregou sua mão por baixo da camiseta branca que ela usava, chegando aos seios, os segurou firmemente, fazendo uma pequena pressão, massageando-os.

A respiração dela era curta e descompassada.

Ele deitou seu corpo sobre o dela e a beijou. Ela abriu sua boca, com lábios grossos e vermelhos, tocando-o com a sua língua. Por baixo da camiseta, Sam abriu lentamente o sutiã de Vicky, que suspirou nesse instante. A mão de Sam desceu lentamente das costas até as coxas dela, numa massagem lenta, mas hábil.

Enquanto a beijava, Sam desvencilhou-se de sua camiseta, ficando somente de calça *jeans*. Já não estava mais conseguindo se segurar, e ela podia sentir a excitação através do volume considerável na sua calça.

Vicky começou a beijar o peito musculoso e peludo de Sam vagarosamente, descendo desde os ombros até a sua barriga. Depois continuou descendo mais um pouco...

Nesse instante, a música que estava tocando no rádio, foi interrompida pelo locutor, para um boletim especial:

“Interrompemos a nossa programação, para informar que acabou de fugir do hospício municipal, um maníaco homicida de alta periculosidade.

Ele é um sujeito extremamente violento. Sua descrição é a seguinte: tem cerca de dois metros de altura, é magro e tem o cabelo raspado. Sua mão direita foi decepada durante a fuga, e há relatos de que no lugar dela, ele está usando um grande e afiado gancho de aço.

O fugitivo atende pelo nome de Fred Masters, e repetimos: Ele é um homem extremamente perigoso e violento, ataca suas vítimas sem qualquer motivação.

Atenção! A polícia pede que fiquem todos em suas casas, tranquem as suas portas e não abram para ninguém. Toda a polícia já está atrás dele, que foi visto pelas redondezas de Elmerville... Agora voltamos com a nossa programação normal...”

Vicky deu um pulo no banco do carro, tremendo de medo.

— Oh! Sam! Elmerville é aqui!! — disse, num fio de voz — Esse maníaco é perigoso e deve estar por aqui por perto...

— Relaxa! — Sam riu de Vicky e agarrou-a mais forte, a beijando sofregamente.

Enquanto o beijava, Vicky permanecia com os seus olhos bem abertos e em estado de alerta.

Passados alguns minutos, Sam reclinou o banco do carro para trás se deitando sobre ela, enquanto lutava para desfazer-se de sua calça. Um clima sensual tomava conta dos dois dentro do Impala.

O silêncio da estrada deserta, no meio do bosque era inquietante, era quebrado apenas por um coro de grilos vindos de algum lugar, reverberando entre os arbustos. A luz prateada da lua clareava o mato e iluminava o *Impala*, com os vidros embaçados pelo calor emanado dos seus corpos em movimento.

Sam percorria o corpo de sua namorada com a língua, que respirava ofegante. Beijava os seios de Vicky, que estremecia com o toque de suas peles, ferviam de paixão...

Ele foi beijando desde os lábios, passou pelo pescoço tenro e delicado, pelos seios de mamilos escuros e rosados, descendo pela barriga de Vicky, passando pelo umbigo...

Nesse momento, se Sam tivesse olhando para trás, teria visto um vulto, vestindo uma camisa branca, observando-os na janela detrás do carro. O vulto

permaneceu ali por um momento, com algo metálico brilhando em sua mão.

Já sem forças, ela arranhava as costas dele, como se tentasse encontrar forças para controlar o que sentia. O corpo suado do namorado pesava sobre o dela, apertando-a sobre o banco. Sentia que já estava chegando ao fim. Faltava muito pouco...

Vicky sentiu uma sensação estranha. Parecia que estavam sendo observados. Por uma fração de segundo, teve a impressão de ver algo se movimentando atrás do carro. Foi o barulho de um graveto sendo pisoteado que a despertou, trazendo-a de volta à realidade. Ela o empurrou e ficou ereta no banco, enquanto ele, cansado e encharcado de suor, esmurrava furiosamente o banco traseiro.

— O que houve, Vicky? — perguntou, visivelmente irritado.

— Ouvi um barulho... Parece que alguém estava caminhando em volta do carro.

Ainda bravo, Sam desembacou o vidro e olhou através dele.

— Não tem ninguém aqui, Vicky — disse Sam. — Não seja tola...

— Juro que ouvi alguém caminhando aqui por perto, ouvi os passos, o barulho de gravetos sendo quebrados... — Vicky lutava para controlar a sua tremedeira.

— Você deve ter ficado impressionada com a notícia no rádio, meu bem... — disse Sam, agora totalmente sem excitação — Você é tão medrosa...

— Temos que sair daqui... — suplicou. — Nós precisamos avisar Thelma sobre isso... O pessoal já deve estar chegando lá para a festa da faculdade. É aqui perto e se esse maníaco for até lá, sabe Deus o que pode acontecer...

— Querida! — Sam pegou o rosto de Vicky entre as mãos e beijou os seus lábios. — Eles devem ter ouvido pelo rádio... Elmerville não é uma cidade tão grande assim... Na certa a polícia já deve ter pego esse tal Fred Masters...

Vicky olhou para Sam. Não adiantaria discutir porque brigariam novamente e ela não queria. Ao mentir para os seus pais que iria com Tracey na festa de Thelma, ela estava disposta a se entender com Sam definitivamente e a dar-lhe tudo o que ele queria.

— Sam, estou com tanto medo!

— Eu estou aqui, vou proteger você! Porque eu a amo. Nunca vou deixar que nada aconteça com você.

— Sam...

Ele a beijou novamente. Um beijo longo e ardente, de tirar o fôlego.

Ela beijava o seu peito grande e forte, enquanto ele levava as mãos dela em direção ao seu membro, que já estava excitado.

Foi quando Vicky viu um brilho cor de metal no meio das árvores que a fez estremecer.

O horroroso grito de Vicky acordou Sam do seu estado de êxtase.

— O que foi dessa vez, Vicky? — perguntou com a voz grave, visivelmente irritado, quase gritando.

— Acho que vi alguém entre as árvores... Alguma coisa se mexeu lá — disse ela, apontando para o lado do volante. — Foi um brilho rápido, meio metálico, não sei. Só vi um reflexo...

— Pode ter sido qualquer coisa.

— Não estou me sentindo bem.

— Você quer é arranjar uma desculpa para sair daqui, não é mesmo?

— Não é isso.

— É sim, diga. Já estamos aqui há quase duas horas e até agora nada. A paciência até pode ser uma virtude, mas comigo isso não combina.

Vicky começou a choramingar, como uma criança.

— Vamos embora daqui. Vamos por favor, Sam.

— Você é louca? Nós já estamos aqui e não voltaremos para a cidade, nem para a casa de Thelma, sem que tenhamos trepado!

Mas Vicky já não estava ouvindo as suas grosserias, porque os seus olhos vidrados estavam fixos numa figura que os observava ao longe por entre as árvores. Agora, sob a luz do luar, ela pôde ver nitidamente.

— Vamos fugir daqui!

— Não seja tola, garota!

— Ai, meu Deus! — gritou — Ele está aqui!

— Ele quem?

— O maníaco do gancho, que chamam de Fred Masters! — Vicky era a imagem do terror, estava histérica e soluçava sem parar. — Pelo amor de Deus,

Sam! Eu imploro, para que a gente saia daqui agora!

— Vicky! — gritou ele.

— Tem alguém aqui! — ela gritou, com o eco invadindo o mato. — Você não entende?

Sam Preston-Mayers deu um murro no volante.

Quando ela olhou para as árvores, a figura não estava mais lá.

— Fique aqui!

— O que vai fazer?

— Eu vou ver se há alguém.

— Não faça isso! Fique comigo, você quer morrer? — o chacoalhou pelos braços.

Sam a jogou para o lado, bruscamente.

— Você está histérica!

Colocando suas roupas, pegou uma pequena lanterna no porta-luvas do carro e abriu a porta.

— Fique quieta aqui dentro! Não saia por nada desse mundo e tranque as portas pelo lado de dentro.

— Mas... — Sam bateu a porta do carro antes ela que pudesse continuar.

Sam segurou a lanterna acesa com a boca, enquanto colocava sua camiseta para dentro da calça e apertava o cinto de couro.

Começava a chover.

A lua aparecia menos frequentemente por entre as nuvens, e as árvores lançavam sombras assustadoras sobre Sam, à medida que ele se afastava do seu carro à beira da terraplanagem.

Assoviando, Sam caminhava por uma estreita trilha por entre as árvores, iluminando os seus passos com a fraca luz da lanterna.

No interior do Impala, Vicky chorava e tremia abraçada em si mesma.

Com os olhos fechados, ela tinha medo do que poderia ver.

— Tudo isso é pavoroso! Um maníaco perigoso à solta aqui pelas redondezas, e eu aqui, sozinha — pensou ela. — Como fosse seguro aqui dentro. Ele deveria ter me deixado ir junto.

Num rápido movimento, ela tateou as portas e as travou, ainda com os olhos fechados.

Vicky começava a rezar por Sam. E por ela mesma...

Como ele estaria agora? Pensava. Onde estaria? Buscando ajuda? Procurando o maníaco sozinho? Como Sam era corajoso!

Nesse instante, seu corpo inteiro se arrepiou, e ela saltou sobre o banco.

Passos ao redor do carro...

Barulhos de pisadas nos gravetos secos, nas pedras...

Ela não abriu os olhos, ao contrário, apertou-os com mais força.

— É somente produto da minha imaginação, fértil, sensível e sugestível. Isso mesmo Vicky, somente produto de sua imaginação — disse para si mesma, num falso tom consolador.

Novos passos. Novamente os barulhos de gravetos sendo quebrados...

Cada vez mais perto...

Mais perto...

— Oh! Sam! Só pode ser você! *Tem* que ser você...

Quando abriu os olhos, a visão que teve foi aterrorizante.

Parado em frente ao carro, a criatura mais horrenda que ela já havia visto na face da Terra. Vicky gritou desesperadamente. Mas de nada adiantaria...

Estava sozinha e completamente indefesa, no meio do mato, na estada deserta.

O horrível homem parado na frente do carro parecia uma assombração. Algo tão horroroso, que nenhum escritor de terror seria capaz de descrevê-lo detalhadamente.

Olhando fixamente para Vicky, ele sorriu, levantando e acenando com seu braço direito.

A lua reapareceu no céu nesse momento, iluminando por completo a terraplanagem. E assim, Vicky pôde ver o brilho tenebroso do grande e afiado

gancho, que ele tinha no lugar da sua mão decepada.

Ficou paralisada de horror, observando a horripilante criatura à sua frente e quando se deu por conta, ele não estava mais diante dos seus olhos.

— O ...onde ele f... foi? — perguntou-se, num esforço quase sobre-humano para articular as palavras.

— Se... será que ele foi embora?

Levou a mão junto ao peito, sentindo as batidas descompassadas do seu coração, cheio de medo e angústia e terror.

Mantinha a sua respiração curta, procurando manter forças para não desmaiar.

Vicky ficou olhando atentamente para todos os lados, através dos vidros do carro. Mas ela não conseguiu ver nada. Apenas a escuridão, sob a fina cortina dos chuveiros de chuva.

Procurou escutar alguma coisa. Algum som que denunciasse a presença do maníaco.

Silêncio...

Apenas silêncio e escuridão, no meio do mato e da estrada deserta. Um pouco mais calma, respirou aliviada, certa de que estaria a salvo. De repente, o carro começou a balançar, devagar, para frente e para trás.

— Meu Deus!! — ela disse, num sussurro.

Os movimentos do carro continuavam.

— O que é isso? — gritou.

Se ela pudesse olhar para baixo da janela traseira, veria o homem do gancho abaixado, segurando o para-choque, para baixo e para cima, fazendo o carro balançar rapidamente, numa velocidade louca, alucinante. Com aquela força descomunal que só os loucos possuem.

— O que está acontecendo? — gritava Vicky sem parar. — Pare com isso, pelo amor de Deus!! É você, Sam? Não brinque assim!

Os movimentos pararam subitamente, como se atendessem seus pedidos.

Vicky estava tomada pelo pânico.

Agora ela não passava de um simples farrapo humano, o retrato cruel da insanidade, beirando a loucura extrema.

Novamente aquele silêncio inquietante, sepulcral. O único som que ela podia ouvir era o da sua respiração.

Seu medo foi aumentando de intensidade, como se alguma coisa fosse acontecer a qualquer momento, e ela nem podia abrir os olhos.

Sentia algo ruim que ela nem sabia o que era. O seu coração estava aos pulos, e ela sentia um gosto amargo no fundo da sua garganta. Ela encostou a sua cabeça na janela do carro novamente, abrindo os olhos para ver se Sam estava voltando. Ficou ali por uns instantes, apreensiva, com o rosto colado no vidro.

— E se ele foi pego pelo homem do gancho? — pensou consigo mesma. — Não pode ser!

Uma onda de terror a invadiu ao pensar nessa possibilidade.

— Sam, onde você foi se meter?

Continuou com o seu rosto colado na janela, à espera de algum som que indicasse que ele estivesse chegando.

Subitamente, uma mão surge do nada e bate com violência, no vidro da janela onde ela estava encostada.

Ela grita desesperadamente, e se joga para o outro lado do carro, ainda no banco traseiro.

Gritava com todas as suas forças, encolhida no interior do carro.

O homem do gancho aproximou-se da janela, e arremessou o seu gancho contra o que restava do vidro, várias vezes, numa sucessão de golpes.

— Socorro!!! — ela conseguiu gritar.

O maníaco sorria, enquanto golpeava o vidro, quebrando-o.

Mas de nada adiantaria. Estava tudo deserto. Ninguém passava por lá naquela hora da noite. Ninguém por perto. Somente seu namorado, Sam, poderia lhe ajudar.

Aproximando-se da janela, Fred Masters enfiou o seu braço para dentro do carro, tentando pegar Vicky, que gritava, tentando escapar.

Ela lutou com todas as suas forças, chutava, se debatia. Mas não conseguiu.

Fred Masters conseguiu segurar o seu braço e a puxou violentamente para fora do carro, a arrastando pela janela arrombada.

Vicky tentou lutar, se manter dentro do carro, mas ele era muito mais forte. Teve apenas tempo de gritar, quando foi arrastada para fora pela janela, seu corpo raspando nos cacos de vidro, que ainda restavam presos lá. Ela gritou desesperada pela dor excruciante, e os olhos de Fred Masters brilharam de prazer.

Jogando Vicky sobre as pedras ao lado do *Impala*, ela gemia, com o seu corpo todo rasgado pelos vidros estilhaçados; já que ainda não tinha colocado a roupa. Seu corpo ia sendo tingido de rubro pelo sangue que escorria lentamente. Olhando para o homem do gancho, com a sua expressão medonha, Vicky tentou gritar novamente. Mas não pôde.

Chutando o corpo dela no chão e a arrastando pelos cabelos sobre as pedras, ele desferiu um golpe com o gancho, nas suas costas, entre as omoplatas. O gancho rasgou-lhe a pele ao atingi-la, fazendo um som horripilante de algo molhado. Ela se debatia aos berros, rolando pelo chão coberto de folhas secas e sangue.

Apoiando-se com os seus cotovelos, ela olhou para trás e viu Fred Masters, em pé, olhando-a e sorrindo. O sorriso mais demoníaco que já havia visto em toda a sua vida.

Arrastando-se pelo chão, com uma dor insuportável e excruciante, tinha a ingênua esperança de escapar do seu algoz.

Levantando a sua vítima incauta pelo cabelo, Fred jogou-a sobre o capô do carro, e ela ficou estirada lá, nua com o corpo ensanguentado, brilhando sob a luz da lua e dos pingos e chuva.

Fred Masters aproximou-se novamente, e tocou delicadamente o seu corpo. Vicky gritou nesse momento, num misto de terror, medo e nojo e dor...

Num movimento rápido e forte, ele desferiu uma pancada no rosto de Vicky com o gancho, trincando a maçã do seu rosto, com o fio do aço inoxidável. Ao lado do capô do carro, o maníaco puxou-a para perto do seu corpo. Afastando as pernas de Vicky, ele ficou olhando-a por um momento e deu uma tenebrosa gargalhada.

Entorpecida de dor, ela não conseguia se mexer, apenas agonizava em sua dor. De repente, ele apunhalou-a entre as pernas com seu gancho, a lâmina afiada, rasgando-a nos quadris. Sorrindo, fazia esforços, estocando o gancho com força entre as pernas da sua vítima, abrindo um corte na sua barriga até o seu peito. Jogando-a no chão, o maníaco segurou o pescoço de Vicky. Apoiando-a nas pedras, ele a olhou nos olhos, ao mesmo tempo em que levantava o gancho o mais alto que podia.

Parou assim, por alguns segundos, olhando nos olhos dela, com o gancho suspenso no ar.

Vicky sentiu o seu sangue gelar, junto a seu último calafrio e fechou os olhos.

Ela já sabia o que aconteceria.

E então, o gancho baixou. Uma. Duas. Muitas vezes.

O último grito de Vicky, ecoou por todo o bosque.

Corujas sobre os galhos das árvores assustaram-se com o grito agonizante e alçaram voo.

Em algum lugar, Sam estremeceu ao ouvi-lo.

— Deus!! Vicky!

Saiu correndo pelo meio do mato, desesperadamente. Metia-se em labirintos certas vezes, perdendo-se no meio das árvores, até encontrar seu caminho de volta. Demorou algum tempo para Sam chegar à terraplanagem.

Com a ajuda da lanterna, iluminou o carro à distância e não viu nenhum sinal de sua namorada.

— Droga! Onde essa ela se meteu? — pensou.

Foi chegando mais próximo, contornando a beira do morro onde estava o carro. Sam iluminou o penhasco abaixo com a lanterna.

— É muito alto! — disse para si mesmo.

Olhava para os lados e não a via.

Um medo crescente nascia no âmago da sua alma.

— Vicky, sua tola! Onde você está? — gritou. — Venha logo de uma vez!

Quando se aproximou do Impala, seus pés tropeçaram, em algo que ele não soube bem o que era. Afastando-se um pouco, iluminou com a lanterna, e quando descobriu no que havia tropeçado, deu um grito abafado.

Sam sentiu os cabelos de sua nuca ficarem eriçados.

— Santo Cristo! — disse perplexo.

Os estilhaços da janela estavam espalhados pelo chão, como diamantes.

A janela estava totalmente destruída, do lado em que Vicky estava sentada no banco traseiro.

— Vicky... — ele gemeu, com a voz embargada.

Inspecionando o ambiente com a lanterna, ele ficava mais tomado de pavor a cada segundo que passava. Pisou em algo viscoso no chão, só então reconheceu o que era. Havia sangue. Muito sangue.

Parou por um instante, tentando entender o que estava se passando. O seu carro destruído, sangue pelo chão e pela janela com os vidros quebrados, Vicky desaparecida.

— Sangue!!! — ele murmurou como se estivesse paralisado, sentindo um aperto no peito.

Sua cabeça girava. Não conseguia se perdoar por não ter acreditado em Vicky, e por tê-la deixado sozinha. Mas algo lutava dentro do seu peito, como dois lobos furiosos: sua preocupação por ela, e seu próprio instinto de sobrevivência.

— Droga! — gritou, como se tivesse despertado para a realidade.

Sam deu de ombros e entrou no carro.

— Quer saber, garota? — Você não quis dar o que eu queria. Agora se dane — disse, enquanto dava a partida no carro. — Você deveria ter me dado algo real, não apenas uma brincadeirinha de criança — esbravejava ele. — Não vou ficar aqui e morrer por você!

Um barulho alto e estranho chamou a atenção de Sam. Vinha da lataria do carro. Sam olhou pelo espelho retrovisor, mas não viu nada além da escuridão do bosque.

— O que está acontecendo aqui?

Colocou a chave na ignição, e deu a partida, mas o carro não pegou.

— Funciona, droga! — gritou, dando um murro no volante.

Estava tão nervoso que suas mãos tremiam ao segurar as chaves na ignição.

Subitamente, ele teve a mesma impressão que sua namorada.

Havia alguém por perto que o espreitava. Era uma sensação horrível, porque por mais medo que tivesse, talvez não fosse apenas um fruto da sua imaginação fértil. Poderia ser um perigo, uma ameaça real. A capota do carro começou a fazer um ruído estranho.

Sam olhou assustado para o teto do seu Impala e pôde ouvir os movimentos, como se alguém estivesse caminhando sobre ele.

— O que está fazendo aí? — gritou — Desça logo!

Ele sentia como se o teto do carro fosse partir a qualquer momento. Teve a ideia de abrir a porta e sair correndo, mas logo desistiu, pois não poderia imaginar o que o aguardava do lado de fora.

Nesse instante, algo enorme e pesado, foi jogado sobre o para-brisa do carro, estilhaçando o vidro, e destruindo-o totalmente.

Com o susto, Sam deu um pulo para trás no banco e derrubou a sua lanterna no chão do carro.

Os cacos de vidro, esmigalhados, e o fardo caíram em parte sobre Sam, machucando-o.

— De onde veio isso? — perguntou-se, remexendo no chão em busca da lanterna caída. Com a mão sangrando, tateou o interior do Impala, em busca da lanterna, e sua mão encontrou uma possa de um líquido pegajoso que aderiu em sua mão. — Que nojo! — disse ele no mesmo momento em que encontrou a lanterna.

Levantou a mão suja, limpou em sua camisa e olhou para os lados. Os barulhos haviam parado, o silêncio reinava no bosque escuro e deserto, como se houvessem apertado um botão.

Acendendo a lanterna, Sam olhou para o fardo pesado, que acabava de cair sobre o capô. Com facho de luz, ele reconheceu o fardo e teve o maior susto da sua vida.

Um imenso frio lhe percorreu a espinha, como se uma enorme e invisível mão gelada tocasse os seus ossos. O fardo que havia sido jogado sobre o para-brisas, era o corpo de Vicky. Ou pelo menos, o que ainda restava dela. Ninguém no mundo poderia descrever o que ele sentiu naquele momento.

O cadáver de Vicky estava dilacerado, retalhado em tiras a golpes de alguma lâmina muito afiada...

Rapidamente saiu gritando do carro, iluminando o cadáver de sua namorada jogado sobre o capô e com uma parte caída dentro do painel.

Ainda aterrorizado, ele aproximou-se do carro novamente, iluminando o corpo estirado. O rosto de Vicky era agora apenas uma massa de carne, escarlate, informe e desfigurada.

Afastando-se do carro, caminhava de costas, ainda apavorado com o que via diante dos seus olhos, acabou esbarrando em algo que fez o seu sangue gelar e o coração quase parar. Ao olhar para trás, viu o rosto horrível de Fred Masters.

— Por que você fez isso? — Sam conseguiu balbuciar, pois sua voz saía com dificuldade.

Como resposta, o maníaco sorriu e levantou o gancho de lâmina brilhante; ainda sujo com o sangue de Vicky.

— Maldito! Você é um louco! — gritou ele.

Uma sensação de perigo iminente foi tomando conta de Sam.

Em pânico, saiu correndo. Mas devido ao seu pavor extremo, sentiu suas pernas bambas e pesadas, como sentia muitas vezes em seus sonhos; tropeçou em um galho poucos metros à frente de Fred Masters.

Sam rolou para um lado e a lanterna para o outro.

Vagarosamente, o maníaco foi se aproximando de Sam, que tentava ficar em pé novamente. Porém, o maníaco foi mais rápido. Um golpe acertou Sam no seu braço esquerdo, de raspão; cortando sua camisa e pele.

Mesmo sentindo dores fortes, continuou a tentar fugir e tropeçou sobre as suas próprias pernas, pois já não aguentava nem o peso do seu corpo.

Um novo golpe, dessa vez no rosto, abriu um enorme corte atravessando sua face de alto abaixo.

Num impulso inesperado, até mesmo para Sam, reunindo todas as suas forças, conseguiu levantar e correr por mais alguns metros.

O homem do gancho, correu atrás de Sam. E era muito mais rápido. Enquanto corria, lutando para continuar vivo, sentia a presença do louco cada vez mais perto em seu encalço. Repentinamente sentiu uma pancada nas suas costas e a dor dilacerante do gancho, rasgando a sua pele com a lâmina afiada entre suas costelas. Sam caiu de joelhos sobre o cascalho, sem forças, expelindo sangue pelos cantos da boca.

O homem do gancho, chutava Sam seguidas vezes, o rolando pelo chão cheio de pedras pontiagudas, gravetos e sangue. Rolando até a beira terraplanagem, Sam acabou chegando até a beira do morro, ao lado precipício. E escorregou.

Suas mãos já sem forças, agarraram-se desesperadamente em uma pedra, na beirada do morro. Ouvia o som do vento, sentia os pingos da chuva no seu rosto. Parecia estar em transe. Mas ainda estava vivo, apesar dos golpes recebidos.

Fred Masters aproximou-se de Sam lentamente, com o seu enorme gancho de aço pingando se sangue.

Sam paralisou ao perceber que era o seu próprio sangue que pingava do gancho carnicero. O seu sangue misturado ao de Vicky.

A lâmina assassina do gancho de pendurar carne, brilhava à luz dos relâmpagos que agora iluminavam o céu na noite sangrenta. O homem do gancho aproximou-se ainda mais de Sam, e o viu segurando em uma pedra, com todas as forças que lhe restavam.

Era a sua única salvação. A não ser que Fred Masters tivesse piedade e não o matasse.

— Me ajude! Por favor, me deixe viver! — implorou Sam, pedindo ajuda e clamando por sua própria vida. Suas mãos ensanguentadas, escorregando na pedra que o sustentava, em segundos cairia no fundo do precipício. Somente um braço o sustentava. O outro estava sem forças, devido ao golpe desferido pelo gancho. Abaixo dele, somente um monte de pedras e uma altura terrível, que não podia ver devido a escuridão.

— Não me mate! — sussurrou Sam, pois não tinha forças para falar mais alto. — Imploro! — disse com lágrimas escorrendo pelo seu rosto manchado de sangue.

Fred Masters abaixou-se em direção de Sam, ainda segurando a pedra.

Sam fazia um esforço sobre-humano para manter-se seguro na pedra, esta começava a ficar escorregadia.

Mas o jovem não precisou falar mais...

O homem do gancho, já estava convencido. Fred Masters levantou o seu braço em direção a Sam. Manteve o braço com o gancho estendido, suspenso como uma tábua de salvação, ao alcance da sua vítima.

Não havia tempo para decidir. Era a única chance. Só deveria ter coragem, e forças, para segurar o gancho afiado. Resistir a lâmina talhante penetrando na sua mão e apoiar-se nas pedras para subir. Sam fechou os olhos, como que buscando forças em algum lugar dentro de si. Apoiou-se com o braço machucado na pedra e agarrou a lâmina, com o braço que tinha mais força, gritando de dor ao senti-la penetrando sua carne. Só então percebeu a armadilha.

O maníaco puxou o gancho com força, rasgando a sua mão, cortando-a e quebrando os ossos dos dedos, separando-os da mão.

O corpo de Sam escorregou da pedra no alto do precipício e iniciou o voo da morte, mergulhando na escuridão.

Fred apenas sorria, satisfeito pelo seu feito.

O cadáver de Sam bateu nas pedras e ricocheteou para o lado, num voo derradeiro, antes de finalmente repousar nas pedras, no fundo do precipício; fazendo um ruído horrível dos seus ossos se quebrando ao se chocar lá embaixo. Sam era agora apenas um monte de carne e sangue, disforme, esparramado nas pedras.

O cadáver de Vicky, ainda jazia sobre o capô do Impala.

Seu sangue ainda escorria pela lataria e caía numa poça acumulada ao lado da lanterna de Sam, que permanecia acesa, jogada no chão. Sob a luz dela, o vulto do homem do gancho se embrenhava por entre as árvores, rumo a um destino desconhecido...

* * *

Algum tempo depois, a polícia chegava na terraplanagem, onde um casal de namorados havia encontrado o resto do corpo de Vicky.

Segundo eles, ainda abalados, o homem havia descido do seu Cadillac para namorar, quando encontraram o carro com a garota.

Momentos depois, quando já amanhecia, seguindo marcas de sangue deixadas pelo chão, acabaram encontrando também o corpo de Sam Preston-Mayers, caído no fundo do precipício. Ele foi identificado pelos documentos em seus bolsos, já que animais haviam se alimentado de partes do seu corpo.

* * *

Fred Masters parou atrás de uma cerca-viva, com seu ganho ensanguentado. Observava à distância uma enorme casa. Cheia de luzes, música alta, muita gente gritando e correndo pelo jardim, ao redor de uma grande piscina, onde vários jovens se banhavam.

A festa de Thelma, estava prestes a acabar...

Nota do autor:

O Gancho foi escrito em 2006, inspirado livremente em uma famosa lenda urbana, muito popular nos Estados Unidos. Seus relatos datam desde meados dos anos 50. Talvez a lenda mais conhecida da cultura pop, sendo adaptada em inúmeras versões para filmes e séries. O auge da

história do homem do gancho, foi com a publicação em 8 de novembro de 1960, de uma carta afirmando ser um relato verdadeiro deste acontecimento.

Os nomes de todos os personagens e lugares citados no conto são fictícios, mas a descrição física do homem do gancho, segue fielmente às descritas em todas as versões já contadas sobre ele.

A autópsia

João Augusto de Nardo

Macabro. Esta é a primeira palavra que se passa na cabeça de uma pessoa quando comento sobre o meu trabalho no necrotério. Bom, sei que não é algo limpo e agradável como as pessoas desejam que um bom trabalho seja, porém, eu ganho meu sustento dessa forma.

Meu filho sempre sofreu um pouco na escola, quando seus amiguinhos lhe perguntavam a profissão do pai. Os meninos tinham pais engenheiros, médicos, advogados... O que o dele fazia, ajudava pessoas? Fazia algo útil para elas? Dissecava corpos para analisar a causa da morte. Depois de se chatear muito por isso, com o passar do tempo, ele foi se acostumando e levando na boa. Conforme ele crescia, se interessou pelo mórbido, assim como eu sempre fui interessado por filmes de terror, pelo macabro e o que as pessoas normalmente não gostam de abordar.

Dia dos pais era uma alegria para o pequeno George; como na tradição da cidade, os filhos acompanhavam os pais na rotina do trabalho daquele dia. Anteriormente, era algo que meu filho odiava, mas os anos o fizeram se interessar, e, nos últimos dois anos, ele pediu para me auxiliar. Recusei por achar que ele não estaria pronto.

Mas agora que já está com 18 anos, já é um homem, pode ajudar seu pai até mesmo no trabalho sujo do dia a dia.

Ao acordar na manhã daquele dia dos pais, ganhei uma carteira, não uma de couro comum, mas uma de papel e com um desenho surrealista. George adorava essas coisas e eu sorri para lhe agradecer mesmo não gostando tanto. Preferia uma coisa que combinaria com meu ambiente de trabalho, aliás, passava quase que o dia todo lá, uma carteira colorida e viva não combina com um lugar de morte.

George estava animado, seria a primeira vez praticando a profissão que queria herdar do pai, isso o deixava empolgado. Após sair do seu trabalho em um novo mercadinho do bairro, ele apareceu no necrotério, pronto para ter a sua primeira experiência cuidando de um cadáver.

O local não era muito grande, mas havia várias salas. O garoto conhecia como a palma de sua mão cada uma delas e seus segredos, acompanhou várias lendas em noites de terror comigo — eu adorava amedrontar o garoto que, aos

poucos, se acostumou com o ambiente medonho. Quando criança, seu maior medo era um dos cadáveres voltar à vida. Quando viu um dos corpos levantar o braço pela primeira vez, foi um choque imenso, mas nada que um pouco de formol não tenha ajudado.

O prédio cinza não era nada convidativo, para falar a verdade, amedrontava todos que passavam pela frente. Um lugar onde ficam os mortos não é lá muito querido pelo pessoal.

O cheiro forte que percorria os corredores era o odor da morte; porém, eu sempre estava disposto para tomar um forte café, aliás, deveria estar de pé durante toda a madrugada, coisa que os meus colegas de trabalho não poderiam fazer.

Após conduzi-lo pelo prédio, o levo para um pequeno vestiário, lá pode trocar suas roupas para o trabalho. Ele parece nervoso, como se fosse sua primeira vez. Seu braço tremia enquanto colocava as grandes luvas em suas mãos. Tento o acalmar, digo que ele se dará bem e que não seria nada difícil.

Para entrar no ramo, é necessário ter muita precisão e paciência, e, é claro, muita coragem para não enlouquecer entre tantos corpos e mortes violentas. Aqui é o lugar perfeito para vermos como nossa vida não vale nada e que em breve todas as nossas carcaças serão jogadas à terra para serem devoradas por vermes, tão insignificantes quanto nós. E a nossa alma? Irá viver em outro corpo, ter novos sofrimentos, novos conhecimentos, para, enfim, trocar de pele novamente; um grande círculo vicioso — isso se a alma realmente existir. Se nem Platão, Aristóteles e São Tomás de Aquino entraram em consenso, quem seria eu para confirmar algo?

O primeiro corpo da noite chega ao necrotério; uma indigente. Por isso, o procedimento todo deveria ser filmado. Sua morte não havia sido violenta como as últimas que tinha recebido, isso me tranquilizou, pois, meu filho não teria de ver uma coisa tão gráfica. A garota teve uma overdose de heroína, nada comum na região, porém, quem quer fugir desse mundo sempre dá um jeito. Seu nariz tem sangue seco e sua língua está muito inchada.

O cadáver é colocado na maca, como de costume, deixo uma música tranquila de ambiente para poder começar o procedimento com cuidado. O local é refrigerado e meu corpo até se acostumou com dado frio. Não vou mentir que meu sonho fosse cuidar da vida das pessoas, ser um médico cirurgião, quem sabe, poder salvar vidas. Porém, quis o destino que eu cuidasse das pessoas após a sua morte. Creio que é um trabalho fundamental, principalmente para aquelas mortes suspeitas; às vezes, posso fazer justiça e esclarecer dúvidas. A madrugada sempre é calma, e me acostumei com a solidão ao lado de corpos que nunca respondem quando converso sozinho.

O primeiro passo a ser realizado é a autópsia externa, George observa se existem hematomas ou qualquer vestígio estranho, além de checar todos os orifícios. Tudo normal até chegar na genitália, ele parecia desconfortável e eu entendo o garoto, fazer isso na frente de seu pai, e é capaz de nunca ter visto uma tão perto em sua vida.

Após analisar o corpo e suas marcas, podemos avançar para a autópsia interna. Guio sua mão enquanto ele corta aquele corpo sem vida em um formato de Y, um corte cirúrgico.

O clima permanecia congelante e George estava empolgado; tudo seguia normal, até que me assusto com o braço que se levanta do corpo. Isso deve ter assustado ainda mais o garoto. Mesmo após anos de experiência, ainda é assustador. Aplico formol e tudo volta ao normal — foi apenas um espasmo. Lembro ainda da minha reação ao ver pela primeira vez um cadáver com espasmo. Confesso que entrei em pânico e tentei sair do prédio correndo, até que um legista mais experiente me explicou que se tratava de uma rigidez muscular pós-morte, mais conhecida como *rigor mortis*. Essa rigidez é causada pela falta de uma substância química que nos ajuda a obter energia, como a pessoa está morta, essa substância fica escassa e os músculos iniciam o processo de rigidez, principalmente nas articulações. Porém, imagine você, sem saber quase nada sobre ciência, dando de cara com um morto levantando o braço? George me surpreendeu ao não esboçar medo, nem um pouco de susto. Acho que ele chegou a ver algumas filmagens antes e se acostumou com as coisas que poderiam acontecer.

O jovem segue com a autópsia como se fosse uma pessoa experiente; deveria estar esperando há anos por essa oportunidade. Ele reclama que sente um cheiro podre, muito além da decomposição normal dos corpos. Eu realmente sinto isso, como se tivesse algo entre nós, um cheiro de enxofre preenche o ar.

Decido sair da sala, o ar não refrigera tanto pelos corredores, porém, o frio ainda está em meu corpo, como se eu fosse um cadáver.

Confiro cada cômodo calmamente para ver se tem algum gás vazando, ou um problema do tipo. Com o tempo, examinando cadáveres, me acostumei com o cheiro ruim, mas esse é de longe o mais forte que já senti, como uma mistura horrenda de odores que fariam uma pessoa normal desmaiar.

Quando termino de verificar todo o corredor e estou a caminho de volta para comentar com meu filho que está tudo normal, ouço um barulho, como se fossem batidas em metal. Olho pra trás e sinto o ruído cada vez mais forte. Caminho até a origem desse barulho: a última porta do corredor, que diante da situação, parecia muito maior do que realmente é.

O clima congelante está presente, como se fosse um prelúdio para uma desgraça, minha cabeça cogita mil possibilidades e, sob passos curtos, questiono as

coisas mais simples que podem ser: não poderia ser um morto-vivo, deveria ser uma futilidade a me assustar.

Abro a porta calmamente, com receio do que está por vir, acendo a luz e não há nada além das grandes gavetas refrigeradas e cheias de corpos. Paro na frente da porta aberta, vendo se tem algo de errado, pois o barulho parou; em poucos segundos, respirei aliviado. Essa noite que deveria ser divertida para passar com meu filho, parecia ter imprevistos. Quando eu estava prestes a fechar a porta, o barulho volta, e pude observar um dos refrigeradores; a impressão era de que alguém estava batendo, tentando abrir. Ando com pensamentos pesados até lá, pego uma chave perdida no meu bolso e a abro. Para a minha grata surpresa, eram ratos, ratos andando por entre um corpo. A cena era terrível, mas muito melhor que encontrar um morto-vivo. Fecho rapidamente antes que saiam e achem novos destinos, me certifico de anotar o ocorrido para notificar os responsáveis pela limpeza.

Volto, como se nada tivesse acontecido, para não assustar meu filho e encerrar logo o trabalho da noite. Até que em minha frente vejo uma sombra, um vulto passando rapidamente. Passo a mão nos olhos, volto a destinar minha visão para frente, porém, agora já não existe mais nada.

Penso que tudo não passa da minha imaginação, talvez um pouco de sono e cansaço misturados. Decido ir até a cozinha, lá eu posso pegar um copo de café, e assim continuar o trabalho sem maiores imprevistos. Passo um café amargo para acordar e esquecer de toda essa bobagem, esfriar a mente e relaxar um pouco.

Eu sinto que há algo de errado e ainda será revelado. Trabalhei ouvindo muitas lendas a respeito de necrotérios, rituais e almas que permaneciam para assombrar aqueles que trabalhassem com seus corpos. É realmente um trabalho mórbido, no entanto, não tenho escolha, um quarentão não pode trocar tão fácil de profissão. Já passei por inúmeros imprevistos e pesadelos desde que entrei, mas nada havia me assustado tanto quanto hoje, me sinto perseguido, como se a minha própria sombra fosse me atacar.

Ao retornar para o corredor, vejo novamente aquela sombra, ela está mais real agora, como se fosse uma pessoa, uma pessoa de aura escura. Ela age como se estivesse prestes a entrar na sala de necropsia, então corro em sua direção e abro a porta. Não há nada além de meu filho.

George está terminando a autópsia, com o coração da falecida na balança, conferindo o peso e anotando informações.

— Demorou, hein? — ele disse, em tom brincalhão.

— Tive que pegar mais uma dose de café para encerrar a noite, sabe como é, né? — tento disfarçar o que acabei de ver.

Vou conferir o que ele já havia feito: estava escrevendo tudo de maneira correta. Estou orgulhoso e já vejo um futuro nele por aqui. O sangue já havia sido colhido e estava tudo pronto para encerrar o trabalho.

Terminou de costurar o peito com um pequeno auxílio meu e tive de parabenizá-lo.

— Parabéns, meu filho — abraço George carinhosamente. — Você terá um futuro ótimo por aqui, já sabe muito. Agora está na hora de encerrarmos.

Começo a retirar meu jaleco e guardo alguns dos utensílios que haviam sido usados para a lavagem; quando viro, me deparo com George com suas calças arriadas, abaixando a cueca.

— Que diabos está fazendo?

— Como assim, pai? Eu vi as fitas de autópsia no baú do seu quarto. Sempre quis fazer igual.

A Moça do 13º Andar

Kimberlly Isquierdo Bongalhardo

Sentei-me no banco próximo ao balcão e mesmo não querendo admitir que estava cabisbaixo, aquilo era uma prova de que eu estava no fundo do poço.

— Em que posso ajudá-lo, cavalheiro? — Michael sorriu, era meu melhor amigo e sabia da situação amorosa embaraçosa em que eu me encontrava. Seus cabelos encaracolados davam um jeito ainda mais despojado pro seu perfil e seus olhos me analisavam com atenção, ele sabia o que estava acontecendo. Deu um soco de leve em meu braço e se sentou na minha frente, já que o bar estava pouco movimentado naquela noite.

— Desce mais uma — murmurei.

— Creio que não seja essa a solução do seu problema — revirou os olhos e pegou uma das garrafas que estava sob o balcão. — Separei essa pra você, meu corno favorito!

— Será que ela nunca vai largar dele? Ela não sabe o quanto ele não presta? Não é possível que ela aceite continuar se submetendo a esse lixo idiota... — rosnei as palavras e bebi incontáveis goles para ver se era possível também e, principalmente, engolir a raiva que eu sentia por *ele*.

— Eu sei, cara. Ela deve ser uma mulher incrível, mas querendo ou não, é um relacionamento abusivo. A única coisa que você pode fazer é dar apoio e dizer para ela denunciar o noivo. Vai ser pior se eles se casarem e...

— Como vou me aproximar dela? — atrolei a fala de Michael, o qual me olhou com certa angústia. — *Ele* sempre está lá! Só consigo falar com ela por libras quando está na janela do apartamento. Sei o quanto ela sofre e sei que o que sinto é recíproco. E todos sabem que ele é um imbecil ciumento, é por isso que a trata assim. Tenho medo do que pode acontecer com ela... Ele é rico, prepotente e ela não vê que cada vez fica ainda mais difícil de se afastar dele!

Michael suspirou.

— Então, o meu conselho é o seguinte: Esqueça. Se for te ajudar, permito que gaste todo seu dinheiro no meu bar para afogar suas mágoas — ele piscou, debochado. — Mas olha, cuidado. Você sabe que esse cara é perigoso, não se meta mais.

Me encontrava andando pelo corredor de meu prédio a caminho do meu apartamento. Naquela noite, eu estava realmente exausto, achava que não aguentaria ficar nem mais dois minutos em pé. Quando cheguei à porta, tateei meus bolsos a procura de minhas chaves e percebi que outra vez as havia perdido. “Tudo bem, o porteiro deve ter uma chave extra, já me conhece mesmo”, soltei um riso abafado, tudo o que eu menos queria era ter que falar com ele sobre isso. Digamos que o porteiro não era a pessoa mais simpática do mundo.

Fui até o elevador e cliquei para chegar ao térreo. Lá, enfrentei corajosamente o porteiro, e ele me deu com relutância a chave reserva (depois de vários xingamentos, é claro). Antes de voltar para o elevador, olhei através das portas de vidro do *hall* de entrada e vi a mulher pela qual eu era apaixonado corresponder ao meu olhar. Ela sorriu para mim, tímida, mas rapidamente o noivo dela a puxou pelo braço e a forçou a entrar no carro. Com os vidros escuros, a última coisa que vi foi seu olhar triste e insatisfeito, mas, infelizmente, não havia nada que eu pudesse fazer. Afinal, a escolha era dela. Seu noivo vinha de família rica e era muito conhecido por confeccionar bonecos para apresentação de teatro infantil. Provavelmente era um trabalho que sua família fazia há anos, e aposto que sua noiva não o largaria para ficar com alguém como eu, que não tinha onde cair morto.

Após um longo suspiro, voltei para meu quarto que ficava no décimo terceiro andar. Ao abrir a porta, a luz do prédio inteiro se apagou e agradei por ter sido rápido o suficiente para não precisar subir as escadas. Fui até a janela, de onde entrava agora a única fonte de luz do apartamento e olhei para dentro do quarto, tudo estava desarrumado, como sempre. Mas dessa vez um pouco diferente do normal. Havia muitas coisas reviradas no chão, quem passou por ali não fora silencioso e nem cauteloso em não deixar rastros.

Ao chegar mais perto de minha cama, avistei um bilhete ao lado de uma *echarpe*, Era igual à que aquela linda moça usava. Tateei com cuidado e certo carinho, e peguei o bilhete ansioso para lê-lo. Fui até a janela para conseguir enxergar, vi letras cursivas elegantes: “Eu o espero para fugirmos daqui” e, em seu verso, havia o recado de que seu noivo viajaria muito em breve para entregar a última encomenda em que estava trabalhando. Além disso, continha uma data e um horário também. Olhei para a minha janela predileta do prédio em frente ao meu. Lá, eu enamorava a namorada que nunca poderia ter, porém, agora havia esperança.

Para minha infelicidade hoje ela não havia aparecido, suas cortinas e a janela estavam abertas e balançavam dançando com o vento. A seda sinuosa dobrava, girava e se abria, como se imitasse o acordar das flores. Mas em questão de segundos a janela se fechou bruscamente, acabando com a alegria esvoaçante que

se encontrava ali. Meu coração palpitou mais rápido, senti o desespero em meu peito, por mais que fosse apenas uma janela foi tudo de forma muito bruta. Apertei os olhos buscando ver mais, mas o que vi foi apenas o noivo dela fechando as cortinas com certa rapidez e, após isso, apenas a calmaria. Sentei-me na cama, piscando as pálpebras pesadas, havia esquecido o quanto estava exausto. Me deitei e fechei os olhos. Dormi abraçado à *echarpe* daquela moça, como um jovem apaixonado. Dormi também com o bilhete dela em mãos deliberadamente, não queria que ninguém o tirasse de mim, e admirei seu perfume durante toda a noite.

No amanhecer do dia seguinte, me levantei e olhei pela janela. O dia estava nublado, mas como todos sabem, não era isso que me interessava. Dessa vez, as cortinas já haviam voltado a dançar e na janela surgiu a linda donzela, parecia estar enrolada na cortina, talvez estivesse com roupas íntimas e não quisesse aparecer assim para todos. Olhou para mim levemente inclinada e com um sorriso estático, parecia que a água cristalina de seus olhos que anteriormente era tão aconchegante, havia congelado. Soltei um sorriso triste por vê-la assim e, então, ela desapareceu em movimentos bruscos e como na noite anterior, a janela se fechou. Provavelmente, seu noivo havia aparecido outra vez. Mas faltavam apenas três dias para ele viajar e, após esse dia, eu iria lá conversar com ela e resolver esse impasse.

Durante todo esse tempo, ela aparecia na janela, com roupas que cobriam todo o corpo e movimentos tensos, talvez fosse o medo do noivo a ver “falando” comigo, ou o medo de que ele descobrisse seus planos de fuga. Às vezes acenava, às vezes apenas me encarava com os mesmos olhos de sempre. Aqueles três dias se arrastaram lentamente, pelo menos era assim que a ansiedade me fazia sentir. Finalmente, chegou a tão esperada hora, e ela fez um gesto brusco com a mão, muito significativo, me chamando para buscá-la.

Através da janela, olhei para o estacionamento do prédio, ela estava certa, o noivo havia saído. Como não havia nenhum rastro daquele verme, peguei a mochila que deixara pronta e corri ao encontro de minha amada. Bati na porta, ninguém atendeu. Esperei alguns segundos, não queria ficar preocupado precipitadamente, seu noivo não estava ali para fazê-la mais mal, afinal. Esperei, 10, 20 ou até 30 segundos e a porta finalmente foi destrancada. A moça bonita não tinha o dom da fala, provavelmente desde que nasceu, eu desconfiava. Isso me fez acreditar que esse gesto era o convite para entrar e eu o fiz. Dentro do quarto tocava uma música clássica, tentando imitar um *heavy metal*. Uma melodia sem qualquer sincronia em suas notas, apavorante para qualquer musicista de bom gosto.

Torci o nariz, o som parecia aumentar cada vez mais. Seu quarto estava exatamente como o meu, aliás, tinha roupas *minhas* jogadas ali. Coisas que eu não

via há dias, quem sabe há mais tempo até. Senti meus pelos se arrepiarem e meu sangue pulsar por todo o meu corpo, quando vi moldes de bonecos pelo quarto. “Mas, é claro, esse era o trabalho do noivo dela, por mais que fossem um pouco assustadores, eram apenas bonecos em construção”, pensei para me tranquilizar. Fios, linhas, agulhas, tintas, maquiagem, retalhos e diversos outros materiais encontrados em qualquer ateliê, também se encontravam lá, espalhados por todos os lados. Finalmente alguém que havia me vencido na bagunça. Acreditei que aquelas roupas não deveriam ser as minhas (pelo menos, me esforcei para pensar nisso).

Adentrei um pouco mais e chamei seu nome, não encontrei resposta. Entretanto, encontrei a caixa de som e finalmente a arranquei da tomada. Um grande alívio e salvação para os meus tímpanos, que ainda latejavam sentindo aquele som horroroso ecoar. Com o silêncio, agora era capaz de ouvir barulhos vindos de um quarto que estava com a porta fechada. Meu amor provavelmente estava lá. Meu coração se alegrou e segui em passos sinuosos até a maçaneta, abri a porta lentamente e admirei o quarto quando pisei nele. Era bem diferente do outro, era limpo e organizado. Paredes brancas, cortinas rosas. Tons pastéis na decoração e uma cama bem arrumada, com uma bela moça deitada sobre ela. Daquele ponto de vista, só conseguia ver as vestes da moça, pois ela estava de lado. Não era mais uma roupa toda fechada, agora era um vestido lindo branco, bem trabalhado e com cristais incrustados. Parecia um vestido de noiva. Em um cabide ao lado da cama pendia um terno que se igualava à beleza do vestido que a minha amada usava.

O silêncio parecia balançar o lugar, estava tudo tão confuso. Será que ela havia dormido? Chamei novamente seu nome, enquanto andava até sua cama. Quando parei na sua frente, meu queixo caiu e eu diria que o tempo parou, pelo menos para ela. Afinal, seu sorriso era o mesmo e o seu olhar também: petrificado. Não havia sinal de vida, não havia mais alma ali. Havia apenas um corpo com sua beleza mórbida, como uma flor arrancada da terra. Suas mãos estavam furadas por linhas transparentes que terminavam com pedaços de madeira, assim como diversas outras partes de seu corpo. Agora, ela era oficialmente uma marionete, como todas as outras que aquele maldito criou. Ele abusou de sua falta de voz e também lhe arrancou a fala.

— Era com você que ela queria casar... — ouvi uma voz ecoar pelo quarto.

Caí de joelhos, não sentia nada, mal via o que estava acontecendo. Quando olhei para minhas mãos, vi que sangue escorria descontroladamente delas, e que agora elas também possuíam dois furos, como as mãos de minha amada. Olhei para o lado e o que eu ainda tinha forças para ver era apenas uma figura desfigurada, uma sombra que estendeu a mão para mim e me mostrou um anel.

— Então, sejam felizes para sempre.

Nas asas de um corvo

Ailton S. d'Santos

Não que a mim creditem o talento de um escritor ou poeta, mas creiam que sou verdadeiro perante a morte. Pode duvidar do que lhe digo, pois não sente a dor que velei aqui comigo em momentos solitários, mas saiba que acabou de nascer a madrugada e não somente a lua me faz companhia. Sim, pode parecer que delírio, mas garanto perante o Deus, que ambos adoramos a veracidade das minhas palavras. Pois, grande é o embasamento sóbrio dos trechos alucinantes.

Me apaixonei pelas letras desde menino, aos seis anos já devorava histórias fantásticas. Arrisquei escrever algumas linhas, poemas rabiscados entre a inocência e o enfado, mas nunca produzi uma grande ode ou conto de destaque. Eram sonhos de criança, auspícios de adolescência que morreram na mocidade.

Formei-me cientista humano. Casei, descasei e fui abandonado. Acabei, na vida, sozinho com o meu cachorro. Lindo ser de luz, que foi tirado de mim da maneira mais cruel e covarde que se possa imaginar. É terrível observar quem você ama, agonizar e morrer em seus braços. Então, fiquei completamente solitário. Nesse momento, revendo o que pensei ser, frente ao que era e o que desejei um dia ter sido, revi os pontos de onde errei, o sentimento lindo que sufoquei e o amor que por mim foi assassinado. Não me julgue um indivíduo amargurado, muito pelo contrário. Não busquei, não molestei, deixei ir ao ser deixado. Foram brigas silenciosas, conflitos perturbados, palavras e atitudes tóxicas como o eco arcaico que me atingiu. Sabe, tudo um dia volta. E o terror que se prostrou à soleira da minha porta é a consequência cármica do passado.

Segui a minha vida entre o emprego tedioso e o lazer devasso, comum maltratar o corpo e o espírito. E, nesse período, decidi viajar nas férias. Em minha fase gótica eu era ávido leitor de fantasia mórbida e poesia pessimista, então fui conhecer o ídolo de antigos tempos. Bem me lembro, era inverno quando cheguei. Passei alguns dias em bebedeira, conheci lugares belos, boates barulhentas e, na madrugada do dia 19 de janeiro, cheguei à morada do poeta. Bela lápide, onde prostrei nossos copos e a garrafa de Whisky. Brindei à sua memória, relembrei a sua obra e chorei ao meu passado.

— Garanto-lhe, teríamos sido bons amigos — sentei na pedra fria à frente do túmulo e comecei a falar, após ascender um cigarro. — Os tempos eram outros,

quando esteve vivo e, hoje, as coisas não melhoraram. Alguns buscam por sonhos, outros conquistam metas, e os miseráveis são deixados para trás. Ah, preciso me apresentar, caro amigo. Sou mais um dos malfadados, esquecido por Deus. Mas santa alto piedade! Você não merece ouvir isso. Rumamos para o que importa — retomei o controle de minha fala, embargada por uma dor que não interessa. E voltei a atenção enquanto a neve sibilava, cobrindo todo o cemitério com um véu gélido de tom amarelado ao ser atingido pela iluminação escassa e sombria. — Muito bonito o seu pássaro. Sua última veste é nobre, singular — falei após um longo gole amargo. — Por que vim aqui, não sei! Queria te visitar, de alguma forma penso que você me entenderia. Também vivo com o fantasma de uma jovem dama morta. Sua presença pálida, esquelética, não abandona o meu pensamento. A perdi muito cedo, sabe, tivemos nosso tempo. Mas não aproveitei nenhum momento e, agora, o passado assombra a minha vida — bebi mais um gole e retorno de onde parei, após acender outro cigarro. A madrugada estava muito fria e no espaldar do sobretudo já acumulava neve. — Meus pecados queimam minha pele como chamas demoníacas vindas do inferno. Era isso, isso que queria te dizer. Entretanto, vai me achar um fraco! Pois a minha dama não morreu. Ela vive em outros braços, e seus braços sustentam uma cria. O filho que nunca tive, eu fiz com ela. Que pretensão a minha em querer comparar-me à sua perda. Está que rendeu tão belas obras, tão singelas odes e escritos singulares. Sabe, consigo discernir muita beleza na morbidez. Na embriaguez, no abandono, na solidão e no degradar do espírito humano. Em tudo o que os outros insistem em chamar feiura ou depressão.

Mesmo forçando a memória, não me surge nenhum detalhe definido que possa lhe contar nessa carta. Pois adormeci embriagado e acordei no hospital, após dois dias em delírios de um quadro hipotérmico. Só disseram que fui achado no dia seguinte, desmaiado e com alta febre, largado de bruços sobre o túmulo. Não me incomodaram fazendo perguntas sobre os detalhes da minha desgraça. Fui liberado e voltei para o hotel, depois para casa. Contudo, tenho fixa uma lembrança vívida do que só pode ser um sonho, pois estava desacordado. Uma figura translúcida, afeita bela moça, de pele lisa e cabelos esqueléticos, que tão ternos traços se assemelham a minha saudade. Eu, que estava alguns passos da alcova do meu amigo, a vi! Diante dele, pranteando, enquanto depositava um pequeno objeto sobre a lápide afeita pássaro. Até aí tudo bem, fora apenas um sonho. Contudo, ao voltar para casa, retornando às atividades domésticas, fui lavar um cesto de roupas e encontrei tal lúgubre objeto. O horror atravessou o espírito e minha mente tombou. No fundo do bolso interno do sobretudo que usei naquele dia, o pequeno crânio de um corvo repousava silenciosamente. Tremi sem conseguir definir o que

era aquele artefato. Rumei aos tropeços para minha cama, pois as pernas já não me obedeciam.

Acordei tempos depois sem lembrar das horas ou do ocorrido, tendo apenas a ideia de um sonho vago que começou na área de serviço. Ao me dirigir a biblioteca para retomar um livro inacabado, vi o mesmo objeto friamente posto sobre a mesa, sob o foco de luz tênue do abajur. O assombro anterior voltou renovado, mas o peguei com ímpeto e joguei-o no lixo próximo. Sentei à frente da mesa e comecei a ler, abandonando essa ideia logo em seguida e decidindo beber. Contudo, estaquei no corredor sem conseguir dar mais um passo sequer. Nesse trecho da casa, há uma grande janela que permite observar o parque com um lago. Ele tem um ar de descaso, com construções abandonadas. Já houve um tempo de glória, onde famílias sorriam e cachorros pegavam gravetos. Suei frio enquanto meus olhos tremiam, pois avistei um indivíduo sentado sob uma árvore. Figura pálida, com vestes sociais puídas, que estava alimentando aves em plena madrugada. O que me tremeu a espinha foi perceber que as finas linhas de luz da lua que eram filtradas pela copa da árvore, trespassavam o indivíduo e, nesses pontos onde era beijado, seu corpo desaparecia. Sim, sua forma que deveria ser física, parecia um queijo suíço ao ser trespassado pela lua!

— *Febre alcoólica. Me alertaram sobre isso, é o que está havendo. Uma boa dose deve equilibrar meu pensamento* — pensei, enquanto abandonava a janela e rumava a sala de estar, abri a porta envidraçada do pequeno bar na parede e soltei um grito que ecoou na casa. Corri de volta ao escritório, me joguei sobre a lata de lixo. Ela estava vazia! De alguma forma, uma piada de um Deus em estorvo havia posto dentro do meu copo aquele crânio de corvo.

Não pude mais ignorar isso e, na manhã seguinte, procurei o meu psicólogo. Nem cheguei a ter um jejum ou tomar um banho. Apenas peguei do copo ao artefato medonho e meti-o na maleta do trabalho. No consultório, narrei todo o sonho, contei sobre o crânio e o parque ao luar. Mas o desajustado, insistia em falar de culpa, de saudade e do meu pai que me abandonara quando criança. Eu estava em pânico, pois ele não me ouvia. Desdenhava de minha agonia e queria atribuir a ela situações completamente vazias, sem sentido. Fui lhe contar minha dor, e o imbecil brincava comigo. Me disse sobre o consumo de remédios para dormir e whisky dosado, um copo a cada hora. Falou sobre o ímpeto destrutivo de desejos frustrados, e de Susan. Sempre Susan, a ferida do meu passado. Explodi, gritei impropérios, lhe narrei o adultério e que seu diploma era falsificado. Bati com a maleta sobre a mesa com tamanha violência, e gritei que pagaria a boca com o que ali tinha guardado. Abri-a com ímpeto e arquejei, com as mãos trêmulas, me senti enquanto ele observava calado. Com gestos contidos e voz calma, me disse.

— O indicarei um profissional que possa receitar exames e medicamentos controlados. Vamos passar por isso, juntos. Saiba que você não carrega os problemas do mundo e não precisará sofrer calado.

Concordei, silenciosamente com um movimento de cabeça. E, após ouvir algumas palavras sábias, estava pronto para partir. Fechei a minha maleta que continha papéis, papéis somente, e nada mais.

Em casa, mesurei sobre o ocorrido. Já não pensava que algo brincava comigo, ou que era tresloucado. Não, sentia que era realmente verdadeiro. E a certeza veio como um lampejo, na mesma noite, ao sonhar com a presença agridoce que me embalava. Recitando poemas de antigas eras, narrando sobre a culpa e o padecer perante ela.

Segui os dias, foram dois meses com meu novo inquilino, este que aparecia na poltrona sob a janela. Assim, pude confirmar que a luz da lua lhe atravessava, só podia ser visto quando não o iluminava, e era curioso observar as listras apagadas de seu corpo.

A figura não me molestou fisicamente, e tive a certeza que não estava doente. Apenas veio me mostrar sobre o caminho a seguir. Passamos dias confessando nossas dores, comparamos a profundidade dos amores e que, na vida, tudo tem que partir. Lhe disse:

— Fantasma ou demônio, ou o que quer que seja, ave de rapina que negreja ecoando odes de eras ancestrais. Sua presença é o bálsamo dos males, dança calma dos mares e a calidez dos dias triunfais. Bebemos juntos antes mesmo de nascermos, vivemos no negrume do desejo e beijamos o amanhecer na madrugada. Poeta, devasso ou que fosse, por favor, estanque as minhas dores e não me abandone na alvorada.

Sabia que aquilo não poderia ser real, mas sentia que o era. Sabia que aquilo era o fim, mas estava feliz por não estar sozinho, pois meu tempo havia acabado. Hoje, lhe escrevo, leitor amigo. Como alerta sobre o que aconteceu comigo, deixando um conselho sábio de um tolo.

Não importa o momento que esteja, viva como se o último segundo fosse e se deleite com a presença amiga e os amores. Pois, em um piscar de olhos vagos, poderá perder tudo o que tenha amado e achar que o mundo foi desleal. Mas saiba, não existe trivialidade nos sentimentos, não admita errar por não dar importância ao momento. Ame e permita ser amado.

Agora sorrio, às voltas com meu terno companheiro, já fiz o nó a corda que dançará comigo e abrirá as portas para as eras imortais. Estou pleno em meu momento de despedida, não carrego arrependimentos com a vida, nem desejo o passado que não retornará jamais. Voarei nas asas transcendentais de um corvo e aos familiares não causarei estorvo pelos meus dias marginais. Pois, sozinho estive

desde o terno berço, mas dançarei entre as estrelas mais bonitas enquanto a ave grasna “nunca mais”.

Aquela noite o âncora do jornal Agenda Comunal, maior rede de comunicação em Madfalls, noticiou a produção de uma série de TV para seu serviço de Streaming, baseada na obra do escritor Robert Gautier, descendente de franceses que residia na cidade, sem ter nenhum parente conhecido que contestasse direitos autorais sobre os seus poemas.

— Após essa emocionante história que narra o pouco conhecido sobre a vida do autor, que conseguimos com sua antiga companheira, vamos entrar direto com a nossa repórter que está no parque onde o corpo foi encontrado há 30 anos. É com você, Amélia!

— Sob esta árvore fora encontrado o corpo embalado pela brisa de inverno. A seus pés estavam as páginas de uma magnífica obra que serviu de base para o roteiro da nova série. É importante salientar o fato singular de haver um crânio de corvo, servindo como peso para papel, sobre o manuscrito. E, para deixar tudo ainda mais estranho, os pesquisadores inquietos com a anomalia dos fatos, fizeram uma análise do artefato e descobriram que provém da cidade de Baltimore.

Programa Noturno

André Luiz de Melo

Para você que está sintonizando seu rádio agora, seja muito bem-vindo. Eu sou Fabiano Dalprá, e estamos começando mais um Plantão Madrugada, só aqui na KBBW 94.5, sua estação certa.

Agora meia-noite e dois minutos, 13 de agosto. Devo dizer, meus amigos, que essa é uma noite boa para ficar em casa, lá fora parece que está caindo o mundo! Aproveitando a data e o clima sinistro com a tempestade, hoje nosso programa vai falar de terror.

Sim, nada melhor para uma sexta-feira 13 fria e tempestuosa do que ouvir histórias de vocês, ouvintes. As linhas estão liberadas, é só ligar para 22022. E já temos alguém na linha.

— Alô?

— Alô, Fabiano.

— Quem fala?

— Meu nome é Flora, aqui do bairro serrano.

— Oh, dona Flora. Como anda sua noite? Tem alguma história para nos contar?

— Não é uma história, é real. Eu não tenho mais a quem recorrer, ninguém... Ninguém acredita em mim...

— Calma, dona Flora. Por que não nos conta o que está acontecendo?

— Tudo começou há cerca de um mês. Eu moro aqui na rua Presidente Kennedy, na parte sul da cidade. Sou uma mulher muito ocupada, sabe? Faço crochês para vender. O povo adora, vem até gente de fora encomendar as minhas toalhas bordadas. Por isso trabalho de casa e não costumo sair muito do bairro.

Minha idade nem permite, depois de 78 anos, as pernas já não ajudam a passear por aí. Só saio mesmo para ir à missa todo domingo e para tomar um cafezinho na casa de alguma comadre, jogando conversa fora.

“Em uma dessas andanças pelo bairro, não pude deixar de reparar em algo incomum na casa que fica no início da rua onde vivo. Lá morava um advogado e sua esposa, uma mulher simpática e mirrada, que molhava as plantas todos os dias pela manhã e sempre me cumprimentava com um aceno. Eu nunca tive amizade com aquela família, nem mesmo sei seus nomes, mas me acostumei a passar pela casa, admirar o jardim e sorrir de volta para a mulher.

“Em bairros tranquilos como o nosso, qualquer mudança na rotina é percebida, e por isso não pude deixar de notar quando uma certa manhã, ela não apareceu para molhar as plantas. O mesmo aconteceu no dia seguinte e no outro, e no outro, depois daquele. Primeiro pensei que o casal podia estar viajando, mas depois de uma semana, comecei a ficar encafifada, se quer saber. Então resolvi dar uma olhada. Sabe o que encontrei?

— Tenho certeza que nossos ouvintes estão curiosos para saber, dona Flora.

— Era algo muito estranho. O carro do homem estava na garagem. Havia uma janela aberta na cozinha e várias edições do jornal acumuladas na porta da frente. Aquilo me pareceu muito suspeito, então liguei para a polícia, mas eles nada fizeram. Me disseram que os dois deviam ter ido viajar de avião e esqueceram a janela aberta e também de cancelar o jornal. Faz sentido, mas tenho certeza que não foi o caso. A mulher, seja lá qual for seu nome, não deixaria as rosas murcharem no jardim e os trevos tomarem o gramado.

“Duas semanas depois do desaparecimento fui até a casa de minha comadre, Tereza, que é vizinha àquela. Tereza ficou viúva há dois anos e vivia sozinha, apesar dos filhos sempre insistirem para ela vender tudo e ir morar com eles na capital. Bati na porta, toquei a campainha e nada. Isso era por volta de oito da manhã, pensei que a comadre perdera a hora. Incomum, mas possível, já que ela gostava de ficar até tarde vendo aqueles programas de ganhar prêmio em roletas na televisão. Desci as escadas para ir embora, mas não pude deixar de encarar a casa ao lado, além da cerca. A construção cada vez mais sinistra, com aquele ar de abandono e a janela escancarada, dando para o interior vazio. Senti um arrepio na coluna e apressei o passo.

“Mais tarde voltei até a casa de Tereza, tornei a bater na porta e gritar, dei a volta para os fundos, mas estava tudo fechado, com cortinas que não me permitiam ver lá dentro. Retornei uma última vez, já quase de noite, e nada. Comentei o caso com meu marido, Paulo, durante o jantar. Ele é um velho cabeça-dura e resmungão. Como era de se esperar, fez pouco, disse que ela devia estar visitando os filhos e que eu precisava parar de fazer fofocas dos vizinhos. Logo eu, que evito comentar sobre a vida dos outros! É um disparate! “E sobre o casal do início da rua?”, argumentei, mas Paulo também não levou a sério. “Você nem sabe o nome deles, por que deveriam lhe dar satisfações antes de viajar? Coma a sua sopa e pare de meter o nariz na vida dos outros”. Fiquei ofendida com aquilo, terminei a sopa e fui deitar mais cedo. Mais quatro dias se passaram sem sinal da comadre Tereza. Eu continuava encafifada, observando a movimentação pela janela enquanto fazia os meus bordados. Havia algo de errado, como se o fluxo de carros na rua estivesse diminuindo mais, sabe?

“Toda manhã o ônibus escolar parava no ponto aqui do lado para pegar o menino dos Francisco, que moravam na casa seguinte à de Tereza. Aí comecei a notar que, de uns tempos para cá, o ônibus passava direto. Isso só podia significar que não havia mais criança lá para dar o sinal.

— E o que a senhora fez? Ligou para a polícia?

— Bem que eu queria, mas Paulo, aquele velho turrão, me proibiu. Veja só, ele disse que eu deveria estar com parafusos a menos para incomodar a polícia por vizinhos que não estavam em casa. Achei um desaforo. Algo naquelas casas vazias me causava calafrios sempre que passava por lá. Domingo passado me arrumei para a missa e fiquei esperando Catarina, minha vizinha de porta. Sempre íamos juntas para a igreja, já que tanto Paulo quanto Volmar, o marido dela, são dois velhos descrentes que preferem passar a manhã vendo corridas na televisão do que frequentando a casa do Senhor.

“Já estava impaciente, faltavam dez para as nove e, no fundo do meu coração, sabia que Catarina e Volmar também haviam desaparecido. Sacudi Paulo, que roncava alto feito um porco. “Paulo, acorde” disse eu, “temos que ir até a casa de Volmar, acho que ele também sumiu, como os outros”. Paulo acordou de mau humor, mas mesmo assim jogou água no rosto, escovou os dentes, vestiu uma roupa apresentável de forma rápida e seguimos para a casa ao lado. Paulo bateu na porta e nada. Nós nos olhamos e pude ver no rosto do meu velho que ele acreditava em mim. Oh, sim, ele estava com medo, pode apostar.

“Viu, eu lhe disse que tem algo errado acontecendo” falei, quando ele tornou a apertar a campainha. Então Paulo respirou fundo e completou: “Acho que devemos chamar a...” Nessa hora Volmar abriu a porta, aquele bastardo. Catarina estava de cama, acordou com um leve resfriado e o telefone deles estava mudo para me avisarem. “Desculpe, comadre”, disse ela. “Eu pedi para o Volmar dar um pulinho em sua casa, mas acho que ele perdeu a noção do tempo enquanto me preparava essa canja. Aceita um pouco?”. Não aceitei, e logo tratei de encerrar a visita, desejando melhoras. Sei que vai ser horrível dizer isso, mas eu estava mais chateada por estar errada do que por ficar plantada, esperando à toa. Paulo, é claro, fez questão de jogar na minha cara ao longo do dia que era bem-feito. A gripe de Catarina provava que tudo era bobagem da minha cabeça.

“No dia seguinte eu mesma comecei a achar que exagerara na coisa toda. Talvez os Francisco tenham passado a levar a criança de carro para a escola, Tereza estivesse visitando os filhos na capital e o jovem casal do início da rua podia ter viajado sem dar satisfações. Envergonhada do quanto fui tola, decidi levar alguns pedaços de gengibre e um vidro de mel à Catarina, para que fizesse um chá bom para curar resfriados. Bati na porta, toquei a campainha. Nada. Dei a volta e, por sorte, encontrei a porta dos fundos destrancada. Entrei, chamando por Catarina, mas não havia sinal dela em lugar nenhum. Nem dela, nem de Volmar, é claro. Eu não consigo explicar o que senti lá dentro, mas foi um aperto no peito, uma sensação de medo sobrenatural, que fez minhas pernas tremerem e as mãos ficarem frouxas. Acabei soltando o pote de mel, que se espatifou no chão. Então gritei e sai de lá correndo.

“Contei tudo a Paulo assim que ele chegou em casa, no início da noite. Como imaginei, ele estava cansado demais para me dar ouvidos. “Pelo amor de Deus, Flora, achei que essa bobagem de desaparecidos tinha se encerrado ontem. Na certa Volmar levou Catarina ao médico pela manhã, o que fez muito bem, aliás. Agora estou cansado, quero jantar e ir para a cama cedo, de preferência, sem você me enchendo a paciência com mexericos sobre os vizinhos”. Tive que engolir o desaforo. Será possível que somente eu percebia a verdade? Todas as famílias da rua se foram. Ao longo dessa semana eu fiquei na janela, mais do que nunca, olhando casas vazias e nenhum movimento, como se a rua inteira estivesse abandonada. Hoje pela manhã tentei falar com Paulo mais uma vez, mas ele se recusou. Maldito cabeça dura! Fiquei sozinha o dia todo, fazendo os meus crochês e sentindo um aperto no peito, como um pressentimento, sabe?

“Por volta de seis horas preparei a janta para Paulo e esperei que chegasse do trabalho. Algumas vezes eles fazem serão até tarde na fábrica, mas ele sempre me

avisa antes. Quando o relógio bateu oito horas, liguei para o trabalho dele. O telefone chamou e chamou e chamou, mas ninguém atendeu. Então liguei para a polícia, isso passando de dez horas. “Meu marido desapareceu”, disse eu, só que o policial não acreditou. “Adivinha quem é?!” ouvi ele falar para alguém ao fundo, e ambos riram. Acho que virei piada, a velha louca dos vizinhos desaparecidos. Aquele policial imbecil disse que meu marido devia estar em algum bar, eu tinha de aguardar e, caso ele não apareça em casa até amanhã, telefonar para a delegacia outra vez. Meu último recurso para convencer alguém a acreditar em mim é o seu programa, Fabiano. Minha casa é a última da rua, todos se foram e, por Deus, estou com medo de ser... Alô? Fabiano? Fabiano?

TU. TU. TU. TU...

As Duas Irmãs

Robson Bezerra

Antônio era um menino por volta dos seus 14 anos e tinha ido passar as férias no sítio dos seus avós. Muito curioso, ele se interessava por tudo o que envolvia o trabalho da roça e até os ajudava em seus afazeres.

À noite eles se reuniam na porta da casa e contavam histórias e cantavam. Era uma diversão.

Em um desses dias quando estavam todos reunidos eles avistaram ao longe duas bolas de fogo que se chocavam uma contra a outra, próximas a um cajueiro.

Todos na mesma hora se benzeram e entraram. Antônio, sempre muito curioso, perguntou ao pai o que era aquilo. Ele foi prontamente lhe explicando:

— A sua avó dizia que eram duas irmãs que brigavam muito. Dizem que elas gostavam muito de nadar em uma barragem que fica aqui perto. Um dia uma delas se afogou e a outra a deixou morrer. Dias depois ela veio buscar a irmã que estava nadando na mesma barragem. Como punição, elas foram condenadas a vagarem como bolas de fogo por toda a eternidade. Elas aparecem em noites de lua cheia para servir de exemplo para os irmãos não brigarem.

Mas Antônio era um menino da cidade e não acreditava nessas lendas antigas. Com certeza, era algum fenômeno natural que as pessoas julgavam sobrenatural.

Em uma sexta-feira, noite de lua cheia, quando todos jantavam, ele deu um jeito de escapar. Foi quando as avistou debaixo no mesmo lugar da última vez. Elas se chocavam e pareciam brigar.

Antônio encheu-se de coragem e começou a segui-las. Quanto mais se aproximava, mais elas se afastavam em direção à barragem. Ele observava aquele emaranhado de fogo que, apesar de estar próxima da vegetação, nada queimava.

Quando chegaram próximas à barragem, elas pularam. Antônio se aproximou e viu os dois corpos boiando. Não eram mais bolas de fogos, e sim duas lindas jovens.

Foi quando ele ouviu um sussurro.

— Venha Antônio, se junte a nós, pule.

Seus cabelos se arrepiaram e um calafrio intenso na espinha o fez querer correr. Só que não conseguia. Ao invés de correr para longe, suas pernas seguiram

para dentro da barragem.

—Venha Antônio, vamos brincar. Vamos nos divertir.

E o pobre garoto ia cada vez mais para dentro daquelas águas turvas. Seus olhos se encheram de lágrimas, mas não conseguia mover um músculo. Quando chegou perto delas, seu coração disparou e aquelas mãos geladas tocaram o seu rosto.

— Faz tanto tempo que não toco em um corpo tão quente.

— Sai para lá, ele não é seu.

— Sai para lá você. Sua invejosa!

E nessa discussão ambas foram afogando o coitado menino. Até que ele morreu.

— Tá vendo o que você fez?!

— Você que não sabe dividir nada!

E as duas belas moças mais uma vez se transformaram em duas bolas de fogo e continuaram a vagar pelas noites de lua cheia.